

Conferência Episcopal de Porto Rico
Pontifícias Obras Missionárias de Porto Rico



Instrumento de trabalho

Rumo ao CAM6

América,
**com a força do Espírito,
testemunhas de Cristo**

19 a 24 de novembro de 2024
Ponce - Porto Rico

VI CONGRESO AMERICANO MISSIONÁRIO - CAM6 PORTO RICO

PRESIDÊNCIA DO CAM6

Mons. Rubén A. González Medina, CMF

*Bispo da Diocese de Ponce
Presidente da Conferência dos Bispos de Porto Rico
Presidência do CAM6*

Mons. Roberto O. González Nieves, OFM

Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de San Juan

Mons. Eusebio Ramos Morales

*Bispo da Diocese de Caguas
Vice-presidente da Conferência Episcopal de Porto Rico
Presidente da Comissão Missionária Nacional de Porto Rico*

Mons. Alberto A. Figueroa Morales

*Bispo da Diocese de Arecibo
Secretário - Tesoureiro da Conferência Episcopal de Porto Rico*

Mons. Ángel L. Ríos Matos

Bispo da Diocese de Mayagüez

Mons. Luis F. Miranda Rivera, O. Carm

Bispo da Diocese de Fajardo Humacao

Mons. Tomás G. González González

Bispo Auxiliar da Arquidiocese de San Juan

COORDENAÇÃO GERAL

Pe. José Orlando Camacho Torres, CSSP

*Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias de Porto Rico
Coordenador geral do Sexto Congresso Missionário Americano*

Sr. Ángel David Montes Reyes

*Secretário Nacional da Pontifícia Obra para a Propagação da Fé - OMP Porto Rico
Secretário Executivo do Sexto Congresso Missionário Americano*

Sra. Natalia Del Valle Rosario

*Secretário Nacional da Pontifícia Obra da Santa Infância - OMP Porto Rico
Secretário Executivo Adjunto do Sexto Congresso Missionário Americano*

Pe. Carlos Manuel Grullón Capellán

*Diretor Diocesano das Pontifícias Obras Missionárias de Ponce
Coordenador da sede do CAM6 na Diocese de Ponce*

Ir. Cristina Morales Rivas, OP

Secretário Executivo da Sede do CAM6 na Diocese de Ponce

Pe. Leonardo Rodríguez

Assessor do Comitê Executivo do Sexto Congresso Missionário Americano

COMISSÃO TEOLÓGICA

Pe. Baltazar Núñez Hernández -
Coordenador

Pe. Luis Enrique Ortiz Álvarez, CMF

Carmen Mabel Rodríguez del Río

Ir. Carmen Margarita Fagot Bigas, RSCJ

Pe. Jafet Peytrequin Ugalde
*Diretor Nacional das Pontifícias Obras
Missionárias da Costa Rica
Coordenador Continental dos Diretores
Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias na
América*

Pe. Antônio Niemiec, CSSR

Pe. Estêvão Raschietti, SX

Pe. Bernardino Lazo Cárdenas
*Diretor Nacional das Pontifícias Obras
Missionárias em Honduras*

COMISSÃO METODOLÓGICA

Pe. Floyd Mercado Vidro - Coordenador

Pe. Jorge David Cardona Amaro

Sra. Lumir Figueroa Torres

Pe. Yoland Ouellet, OMI
*Diretor Nacional das Pontifícias Obras
Missionárias do Canadá*

Pe. Ricardo Elías Guillén Dávila
*Director Nacional das Pontifícias Obras
Missionárias do Venezuela*

Pe. Rodrigo Hernán Zuluaga López

Diac. Geoffrey Torres

COMISSÃO DE SÍNTESE

Sr. Luis René Rivera Rosado - *Coordenador*

Sra. Lyssenid Cortés López

Sra. María Victoria Berríos Rodríguez

Sra. Magda Elisa Rivera Capó

Srta. Michelle Rosa Quirindongo

Srta. Marta Nicole Negrón Quiles

Sr. José E. Balseiro Meléndez

Pe. Antonio de Jesús Marroscó Tristán
*Diretor Nacional das Pontifícias Obras
Missionárias do México*

Pe. Gabriel Alberto Rainusso Garrone
*Diretor Nacional das Pontifícias Obras
Missionárias do Uruguay*

Traduzido para o português pelo
Pe. Estêvão Raschietti, SX

Revisado pelo
Pe. Rafael López Villaseñor, SX

GRAPHIC DESIGN
César Eduardo Torres Chataing
cesar.chataing@gmail.com

ÍNDICE

Apresentação do instrumento de trabalho	Pág. 3
Introdução ao instrumento de trabalho do CAM6 Porto Rico	Pág. 9
Esquema do instrumento de trabalho para o CAM6 Porto Rico	Pág. 10
Oração para o Sexto Congresso Missionário Americano	Pág. 11
Tema 1: A Missão nasce da Trindade: da <i>Missio Dei</i> à <i>Missio Ecclesiae</i>	Pág. 12
Ficha de Trabalho	Pág. 20
Tema 2: Evangelizadores com Espírito até os confins da Terra	Pág. 25
Ficha de Trabalho	Pág. 34
Tema 3: O Reino de Deus como horizonte da Missão	Pág. 40
Ficha de Trabalho	Pág. 49
Tema 4: As Testemunhas de Cristo em um contexto de diferenças	Pág. 54
Ficha de Trabalho	Pág. 60
Tema 5: Discípulos Missionários: Iniciados e Enviados	Pág. 65
Ficha de Trabalho	Pág. 73
Tema 6: Da América para o mundo e do mundo para a América	Pág. 79
Ficha de Trabalho	Pág. 87

APRESENTAÇÃO DO INSTRUMENTO DE TRABALHO

América, com a força do Espírito, testemunhas de Cristo!

Com grande alegria e entusiasmo nos preparamos para celebrar o VI Congresso Americano Missionário em Ponce, Porto Rico, de 19 a 24 de novembro de 2024. Continuamos caminhando juntos rumo a esse importante evento eclesial que, como Igreja, Discípula-Missionária e Sinodal, busca ser testemunha de Jesus Cristo até os confins da terra.

O presente documento que lhes oferecemos servirá como um guia temático para nos orientar em nossa preparação para o CAM6. Eu os encorajo e convido a estudar seu conteúdo em profundidade para que, como rezamos na oração preparatória, possamos revitalizar nossa ação missionária proclamando a alegria do Evangelho até os confins da terra.

Coragem! Não estamos sozinhos nessa caminhada. Somos acompanhados nessa aventura pela Virgem Maria de Guadalupe, a mulher do coração ardente, aquela que deu um sim generoso, a mãe do verdadeiro Deus pelo qual vivemos.

Avante, Igreja missionária da América! Avante! Proclamemos Jesus Cristo com ousadia e deixemos que nossa voz ressoe até os confins da terra.

Em comunhão de vida e missão,

Mons. Rubén Antonio González Medina, CMF
Bispo da Diocese de Ponce
Presidente da Conferência Episcopal de Porto Rico
Presidente do VI Congresso Americano Missionário



Delegados para o CAM6:



Recebam o Instrumentum laboris do CAM6. Desde que recebemos em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia (2018), a tarefa e a responsabilidade de ser a Igreja anfitriã do CAM6, três são as principais atitudes que nos acompanham: 1. oração; 2. docilidade; e 3. parresia. Na oração, contemplamos a Missão de Deus, que vem a nós na Pessoa de Jesus, e se perpetua na Missão da Igreja; a docilidade na ação do Espírito Santo, que nos inspira com um novo ardor, um desejo alegre de “redescobrir nossa vocação de batizados”, e na parresia, um atributo do Espírito, que dá origem à audácia de sermos “evangelizadores com Espírito”, ou seja, como diz o Papa Francisco: “... evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo” (EG 259).

Este Instrumentum laboris é fruto de todo um trabalho de escuta, iluminação, reflexão e discernimento em chave missiológica sinodal, em três instâncias eclesiais principais: 1) da Igreja de Porto Rico; 2) das Direções Nacionais das POM na América; e 3) da colaboração do Dicastério para a Evangelização em sua segunda seção: Primeira Evangelização e Igrejas Orientais, com a participação direta do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias em Roma.

Sonhamos com um “renovado ardor missionário” em nossas Igrejas particulares na América. Propomo-nos a trabalhar e aprofundar em três eixos temáticos: “Com a força do Espírito”, “Testemunhas de Cristo”, “Até os confins da terra”, acompanhados por Nossa Senhora, modelo de todo discípulo missionário; que, a partir da expressão de suas devoções em nossos povos, se renove o mandato missionário e o mistério da inculturação do Evangelho, como Boa Nova do Reino.

Fraternalmente,

Pe. José Orlando Camacho Torres, CSSP
Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias de Porto Rico
Coordenador geral do CAM6 Porto Rico

Mensagem introdutória ao Instrumentum Laboris

Com grande alegria, e depois de um frutuoso trabalho de cooperação e sinodalidade, Porto Rico nos presenteia com esse instrumento de trabalho, como uma antecipação e preparação para o CAM6. É uma excelente oportunidade para incentivar nossas comunidades a participarem desse grande evento. Os temas e as planilhas permitem a reflexão, a oração e também nos incentivam a abrir-nos à ação do Espírito Santo, que continua impulsionando a Igreja “até os confins da terra”. Façamos uso desse valioso recurso para estarmos em sintonia com o objetivo do Congresso e para nos unirmos como continente na animação perene da missão ad gentes, para que nossas Igrejas locais continuem assumindo sua responsabilidade de levar o Evangelho a todos os povos e de fazer discípulos missionários de nosso Senhor Jesus Cristo.

Pe. Jafet Peytrequín Ugalde

Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias da Costa Rica
Coordenador Continental dos Diretores Nacionais do POM das Américas



Apresentamos este documento orientador como fruto de um processo de uma reflexão eclesial que iniciamos com o lançamento, tanto em nível nacional (Ponce, outubro de 2019) como internacional (México, fevereiro de 2020), do próximo VI Congresso Americano Missionário. Compartilhamos este instrumento de trabalho como apoio à reflexão que cada Igreja particular realizará em seus países antes de nossa reunião.

Ele foi o resultado das contribuições apresentadas por facilitadores de toda nossa América nas reuniões realizadas virtual e presencialmente. Entendemos que esse itinerário, que chamamos de “processo rumo ao CAM6”, foi uma jornada enriquecedora para todos nós, pois recorreremos ao diálogo e à consulta constante com os diferentes organismos eclesiais que promovem a consciência missionária entre todos os membros da Igreja.

De Porto Rico, gostaríamos de incentivá-los a compartilhar suas experiências missionárias. As palavras dos bispos em Aparecida são esclarecedoras para nossos esforços na missão ad gentes: “Portanto, a partir de nossa condição de discípulos e missionários, queremos estimular o Evangelho da vida e da solidariedade em nossos planos pastorais, à luz da Doutrina Social da Igreja. (...) As palavras de João Paulo II nos enchem de esperança: ‘Ainda que imperfeito e

provisório, nada do que se possa realizar mediante o esforço solidário de todos e a graça divina em dado momento da história, para fazer mais humana a vida dos homens, nada se perderá ou será inútil”.¹ Tomemos a exortação do Papa Francisco como um farol de luz quando ele se refere aos “evangelizadores com Espírito” como aqueles que rezam e trabalham: “Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração”.²

Pe. Baltazar Núñez Hernández

Coordenador da Comissão Teológica do CAM6 – Porto Rico

Que a paz do Senhor esteja com vocês:

Os dias do nosso CAM6 em Porto Rico estão se aproximando e, movidos pelo Espírito, saúdo-os com alegria, esperança e gratidão. Com a alegria de viver a missão todos os dias como filho de Deus, com a esperança de que todos possam vir a receber o anúncio do Evangelho e com a gratidão de sermos chamados e enviados para a Missão, compartilhamos este instrumento de trabalho, através do qual esperamos possa contribuir com suas experiências e preocupações com o que está em seu coração missionário. O testemunho que vocês nos dão, e que dão à Igreja, torna-se uma semente para que outros, que também estão inquietos com o mundo em que vivem, também possam descobrir a Palavra que se encarnou na história e que continua a nos convidar a entrar em um vínculo de vida com Ele.

Agradecemos sua presença nesta jornada e esperamos que sejamos agentes de motivação para que muitos saiam pelo mundo e anunciem o Evangelho.

Cristo, nossa esperança,

Pe. Floyd Mercado Vidro
Coordenador da Comissão de Metodológica do CAM6 – Porto Rico

¹ Documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano do Caribe - Aparecida n. 400. Refere-se à exortação de João Paulo II em Sollicitudo rei Socialis n.º 47.

² Papa Francisco, Evangelii Gaudium n. 262 (2013).

INTRODUÇÃO AO INSTRUMENTO DE TRABALHO DO CAM6 PORTO RICO

No processo de realização do VI Congresso Americano Missionário (CAM6), através do Pré-Simpósio e dos Simpósios Missiológicos, tomamos como guia o método “Ver, Julgar e Agir”. Ao propor esse instrumento, reconhecemos a contribuição dos Congressos Missionários Americanos como uma “peça fundamental” para a animação e a cooperação missionária em nossas comunidades eclesiais. Aspiramos a promover um “processo que leve a uma maior maturidade missionária de nossas Igrejas”.

O objetivo do VI Congresso Americano Missionário é promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos e até os confins da terra. É o objetivo final para o qual todas as nossas intenções, nossas ações, nossas orações e nossos desejos são direcionados: o que nos propomos nesta jornada!

Um caminhar junto que se expressa claramente em cada Congresso Americano Missionário, porque une todos os povos que compõem esse continente: de norte a sul e de leste a oeste. É um continente com uma diversidade de povos, de riqueza e variedade cultural, linguística e geográfica, onde convergem histórias e povos milenares. É uma diversidade de povos, irmãos e irmãs, que, unidos pela mesma fé, pelo mesmo Senhor, pelo mesmo Espírito, podem ser chamados de um só povo.

É essa mesma fé em Jesus Cristo que fez de muitos povos um só e nos permite reconhecer uns aos outros como irmãos e irmãs. Essa fé sempre deu ânimo e força à caminhada de nossos povos em meio a suas luzes e sombras. É dessa fé em Jesus Cristo que vem a grande notícia: a única que dá pleno sentido a todo homem e mulher que a acolhe. Todos unidos e com renovado ardor, partimos de nossa “casa” (América) até os confins da terra. Somos movidos pelo desejo de sermos testemunhas de Jesus Cristo com cada homem e mulher que ainda não compartilhou a experiência alegre do encontro com Deus, com nossos irmãos e irmãs e com a criação.

Como povos irmãos do mesmo continente, fazemos nosso o convite do Papa João Paulo II (1992) para o dever de unir espiritualmente ainda mais todos os povos que formam este grande continente, para aumentar os laços de cooperação e solidariedade entre suas Igrejas locais, irmãs e próximas umas das outras, a fim de prolongar e tornar mais viva a obra salvadora de Cristo na história da América³ e do mundo inteiro.

América, com a força do Espírito, testemunhas de Cristo!

³ Cf. SD 17

ESQUEMA DO INSTRUMENTO DE TRABALHO PARA O CAM6 PORTO RICO

MÉTODO	UMA VISÃO A PARTIR DA FÉ	VER-JULGAR	AGIR
EIXOS	IMPULSIONADOS PELO ESPÍRITO	TESTEMUNHAS DE CRISTO	ATÉ OS CONFINES DA TERRA
SÍNODO UNIVERSAL	COMUNHÃO	MISSÃO	PARTICIPAÇÃO
INTERLOCUTORES	IGREJAS PARTICULARES/LOCAIS		
CONTEÚDO	Tema 1: A Missão Nasce da Trindade <ul style="list-style-type: none"> Da missio Dei à missio ecclesiae 	Tema 3: O Reino como Horizonte da Missão <ul style="list-style-type: none"> Caminho para a transformação social em um contexto de desigualdades 	Tema 5: Discípulos Missionários: Iniciados e Enviados <ul style="list-style-type: none"> A Iniciação Cristã como Paradigma Missionário <i>Missio ad-inter gentes/ cum gentibus</i>
CONTEÚDO	Tema 2: Evangelizadores com Espírito "até os confins da terra" <ul style="list-style-type: none"> Protagonismo do Espírito 	Tema 4: Testemunhas de Cristo em um contexto de diferenças <ul style="list-style-type: none"> Marco da realidade Testemunhos de Experiências Missionárias no Continente Contribuições dos Institutos Missionários 	Tema 6: Da América para o Mundo e do Mundo para a América <ul style="list-style-type: none"> Sinodalidade – Comunhão Missionária Da Igreja local até os confins da terra
ESPIRITUALIDADE	ANUNCIAÇÃO E VISITAÇÃO	DE CANÁ AO CALVÁRIO	PENTECOSTES

	MARCO TEOLÓGICO	FICHAS DE TRABALHOS
CRITÉRIOS	<p>Partir dos aportes já existentes gerados no processo de preparação para o CAM6.</p> <ul style="list-style-type: none"> Encontros Síncronos Temáticos e Fórum – Assembleia Eclesial Itinerário Bíblico Sínodo Universal Simpósio Internacional Virtual de Missiológica 2022 Simpósio Missiológico Internacional no Canadá 2023 Testemunhos Missionários 	<ul style="list-style-type: none"> Elementos orientadores: <ol style="list-style-type: none"> Texto bíblico Tema Lema Objetivo Hino Objetivo específico do encontro Oração CAM6 Texto iluminador Breve Síntese do Marco Teológico Perguntas para a reflexão Síntese compartilhada Oração Mariana

ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

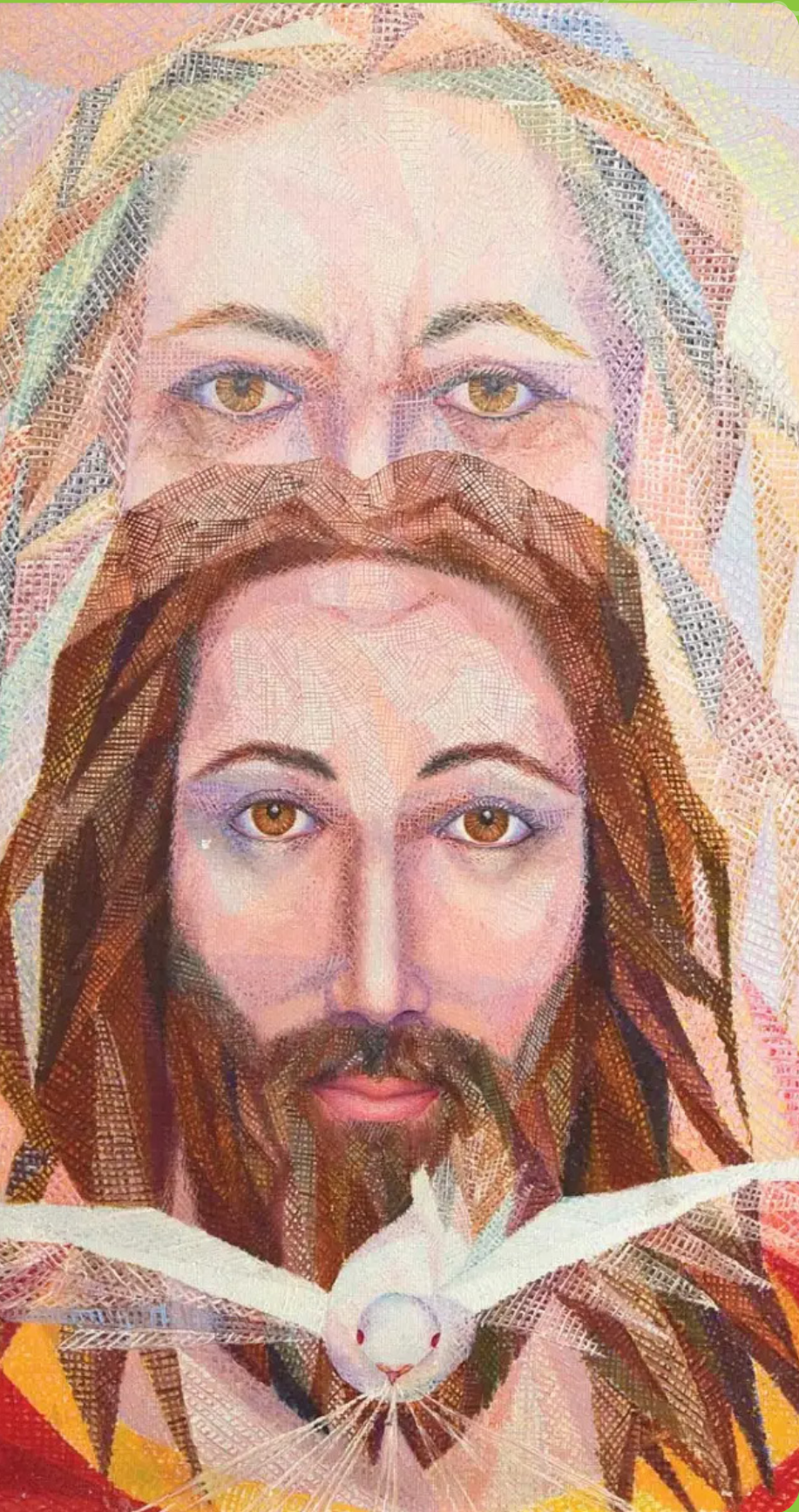
Porto Rico, 19-24 de novembro de 2024

Ó Pai misericordioso,
que revelaste em teu Filho a «Boa Nova»,
proclamada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e obras;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de batizados
para dar um novo impulso à nossa ação missionária
proclamando, como eles, a alegria do Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar a face da terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dá-nos força para caminhar, como povo de Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
rumo ao próximo Congresso Missionário Americano,
testemunhando juntos o amor que conquista o mundo.

Ó Deus e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade;
faz com que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e providente,
sejamos sempre teus discípulos missionários
até os confins do mundo.

Amém.



TEMA 1

A MISSÃO NASCE DA TRINDADE: DA MISSIO DEI À MISSIO ECCLESIAE

TEMA 1

A MISSÃO NASCE DA TRINDADE: DA MISSIO DEI À MISSIO ECCLESIAE

I. INTRODUÇÃO

Neste tema, queremos propor alguns conteúdos que nos permitem aprofundar e meditar sobre o que significa **afirmar que a missão nasce da Trindade e como a missão de Deus é o ponto de referência para a missão da Igreja.**

Nesta experiência do CAM6, desejamos **dar um novo impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.**

Como habitantes do continente americano e como pessoas batizadas, fazemos parte da Igreja peregrina na história. Desejamos, portanto, reconhecer mais profundamente o significado e o conteúdo da missão, a fim de viver com maior compromisso e paixão o que somos.

II. DESENVOLVIMENTO

Um evento do espírito: o Concílio Vaticano II

Ao longo de sua história, a Igreja, animada pelo Espírito Santo, enriqueceu sua compreensão de si mesma com o passar do tempo. O Concílio Vaticano II é um evento exemplar nesse processo contínuo, pois se propôs a refletir sobre: quem é a Igreja, seu relacionamento com o mundo e sua missão.

A Igreja recebeu nova luz, confirmando que a Trindade é a origem da Igreja, a fonte da qual a Igreja nasce, a imagem da qual ela se inspira e a meta para a qual ela é direcionada no tempo.

A própria missão da Igreja está fundamentada na Trindade. Ou seja, no envio do Filho e do Espírito pelo Pai; isso é o que chamamos de “missões trinitárias”.

O Decreto Ad Gentes, documento sobre a atividade missionária da Igreja, que faz parte dos documentos e pronunciamentos dos Padres Conciliares do Vaticano II, o expressa nestes termos: “A Igreja peregrina é missionária por sua própria natureza, pois tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2). Dessa forma sintética, se expressa que a missão da Igreja, a *Missio Ecclesiae*, nasce da Missão da Trindade, da *Missio Dei*. A Igreja assume como sua essa missão universal que brota do amor trinitário.

A Trindade

Ao enviar, na plenitude dos tempos, seu único Filho e o Espírito de Amor, Deus revela seu segredo mais íntimo.

Em Jesus Cristo, recebemos a maior revelação da história, que a humanidade nunca sequer imaginou. Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos permite saber que Deus é um só Deus em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Essa é uma verdadeira novidade em um mundo politeísta, ou seja, um mundo que, em sua busca por sentido e realização, estabelece por iniciativa própria a existência de “divindades”. Mas também o Deus que se faz presente na história por meio de Jesus Cristo não é um Deus solitário, mas um Deus comunidade, família, relação. Ele é uma eterna comunicação de amor e nos destinou a participar dele (cf. CIC 221).

O próprio Jesus dirá que o Pai o ama (cf. Jo 15,9; Jo 5,20a). O Pai confirma que Jesus é o Filho Amado (cf. Mt 17,5), e o amor do Pai e do Filho é o Espírito Santo. É o Amor “feito” Pessoa. É o amor de Deus que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (cf. Rm 5,5). Jesus Cristo também nos revelará que o Pai e Ele são um.

Essas expressões nos ajudam a entender que as três pessoas divinas estão relacionadas umas às outras, que elas estão “saindo” de si mesmas umas para as outras e que sua unidade se baseia nisso.

A contemplação de Deus, a Trindade, nos ajuda a entender por que o Pai envia o Filho e o Espírito Santo. Deus é amor e nunca deixará de ser amor. Ele nunca deixará de amar sua criatura feita por amor, com amor e compartilhando da vida de Deus. Mesmo que a criatura se afaste de Deus, Deus nunca se afastará dela. Deus é fiel a si mesmo.

Diante dessa proposta, a humanidade buscou participar dessa vida divina, mas sem contar com Deus. Isso levou à ruptura do relacionamento com Ele, e também com os irmãos. Assim, a dolorosa experiência do pecado, do mal e da morte entrou no mundo.

O envio do Filho e do Espírito pelo Pai

Entendendo que “Deus é amor” (1Jo 4,8), podemos apontar que a *Missio Dei* oferece uma resposta misericordiosa de Deus à realidade do pecado e do mal no mundo: a separação da pessoa de Deus e dos irmãos e irmãs. Deus responde ao desespero da humanidade “abaixando-se” e indo ao seu encontro em meio à situação de pecado, de dor e de sofrimento.

Missão do Filho

O Pai envia Seu Filho Amado para restaurar a humanidade decaída, para restabelecer a comunhão com Ele e para harmonizar a sociedade fraterna entre pessoas pecadoras de uma maneira nova e definitiva. O Pai envia o Filho encarnado para arrancar as pessoas do poder das trevas e de Satanás e para reconciliar o mundo consigo nEle.

O Filho, para nós, “homens, e para nossa salvação, desceu do céu e, pelo poder do Espírito Santo, se encarnou no seio da Virgem Maria, e se fez homem” (Credo de Niceno-Costantinopolitano).

Por meio desse caminho de verdadeira encarnação que Jesus seguiu em sua peregrinação na história, por meio de suas obras e palavras, ele nos mostrou o Pai e o Reino. Ele nos deu uma participação na natureza e na vida divinas.

Ele se tornou um de nós, até a morte, até mesmo a morte de cruz. Ele tomou sobre Si os nossos pecados e as nossas dores, o mal do mundo. Ele se tornou pobre, para que pudéssemos ser ricos por meio de sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Na ressurreição, o poder do que significou essa entrega e esse amor se manifesta. Em Cristo e por meio do Espírito Santo, somos novas criaturas. Em Jesus Cristo, pudemos retornar à “casa” do Pai. Recebemos novamente nossa dignidade de filhos de Deus.

Missão do Espírito Santo

A “partida” de Cristo por meio da Cruz tem a força da Redenção; e isso também significa uma nova presença do Espírito de Deus na criação. O novo começo da comunicação de Deus com o ser humano por meio do Espírito Santo.

Ele realizará internamente a obra de salvação de Jesus Cristo.

Com o envio desse Espírito “aos nossos corações”, o que a “criação deseja ardentemente” começa a ser cumprido. É o Espírito que dá vida (cf. Jo 4,14; 7,38f; Rm 8,10f). Ele realizará interiormente a obra salvífica de Jesus Cristo no coração dos seres humanos. Mas essa salvação não será apenas pessoal: Deus desejou manifestá-la em um povo, o Corpo de Cristo. O Espírito vivifica a Igreja como a alma desse Corpo. É nesse povo que se manifestam as novas relações entre as pessoas.

Lembramos as palavras de João Paulo II ao explicar a ação pneumatológica no início da Igreja:

“o Espírito Santo assumiu a orientação invisível — mas de algum modo ‘perceptível’ — daqueles que, depois da partida do Senhor Jesus, sentiam profundamente o terem ficado órfãos. Com a vinda do Espírito eles sentiram-se capazes de cumprir a missão que lhes fora confiada. Sentiram-se cheios de fortaleza. Foi isto precisamente que o Espírito Santo operou neles; e é isto que Ele continua a operar na Igreja, ...”⁴

Sem dúvida, o Espírito Santo já estava operando no mundo antes da glorificação de Cristo. No entanto, ele desceu sobre os discípulos no dia de Pentecostes, para permanecer com eles eternamente (cf. Jo 14,16). Ele habita na Igreja e nos corações dos fiéis como em um templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19), e neles ele ora e dá testemunho de sua adoção como filhos (cf. Gal 4,6; Rom 8,15-16 e 26). Ele guia a Igreja em toda a verdade (cf. Jo 16,13), unifica-a na comunhão e no ministério, provê e governa-a com vários dons hierárquicos e carismáticos e a embeleza com seus frutos (cf. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22). É o poder do Espírito que rejuvenesce a Igreja, renovando-a incessantemente (cf. LG 4).

O Espírito Santo impulsionará a Igreja para sua própria dilatação

O mesmo Espírito que unirá todos os fiéis em Cristo impulsionará a Igreja em direção à sua própria expansão. Ele infunde no coração dos fiéis o mesmo impulso missionário do qual o próprio Cristo foi objeto.

No dia de Pentecostes, a Igreja também se manifestou publicamente diante da multidão. A propagação do Evangelho entre as nações começou com a pregação. O corpo eclesial de Cristo sempre recebe o Espírito “de novo” a fim de dá-lo “de novo” no serviço.

⁴ Dominum et Vivificantem #25 parágrafo 4.

Da *Missio Dei* à *Missio ecclesiae*: Continuidade da missão do Filho

A missão da Igreja está, portanto, em continuidade com a missão do Filho, não em virtude de um mandato que Ele teria dado, mas por causa de uma necessidade intrínseca: o que Ele realizou não é apenas para alguém, mas para todos e, portanto, deve ser disponibilizado a todos.

A missão que Jesus confia a seus discípulos está diretamente relacionada à missão que ele mesmo recebeu do Pai: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21). Jesus diz, dirigindo-se ao Pai: “Assim como tu me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo” (Jo 17,18).

O conteúdo da missão da Igreja é o mesmo da missão do Filho: o Reino de Deus, ou seja, a reconciliação e a unificação de todos. A Igreja existe a serviço dessa missão, como o sacramento da unidade do gênero humano e da reconciliação de todos com Deus.

A Igreja é enviada como um povo unido no Pai, no Filho e no Espírito Santo até os confins da Terra para que mais irmãos e irmãs possam ser integrados a essa família universal e, assim, no final dos tempos, conduzi-la à união consumada com seu Esposo. De fato, o Espírito e a Noiva dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cf. Ap 22,17).

Conversão pastoral e missionária da Igreja

Para que a Igreja cumpra a missão que lhe foi confiada, que é a mesma de Jesus, ela deve viver “em saída”, superando a tentação da autorreferencialidade; deve agir como um “hospital de campanha”, aberta para cuidar de todos os cansados e aflitos; deve estar presente em todas as periferias, onde se encontram os pobres e os descartados, com uma vontade explícita de acolher e incluir; deve fomentar a cultura do encontro, sempre pronta para o diálogo e evitando a tentação do proselitismo; deve servir ao Reino de Deus sem se preocupar principalmente consigo mesma e com suas estruturas ... Deve seguir seu Senhor que, de dentro da Igreja, está batendo à porta para que ela se abra a Ele e vá ao encontro de todos os que estão distantes e indiferentes. A evangelização universal é tarefa de todos e em toda parte.

Nessa linha, compreende-se melhor o desejo do Papa Francisco: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação” (EG 27).

É um deslocamento samaritano, um descentramento eclesial como o samaritano que deixa seu programa, seus medos, suas tarefas, para se aproximar e cuidar dos feridos. O alcance missionário é o movimento e a atitude vital que ativa a conversão, a renovação, a atualização e a transformação eclesial que os tempos atuais exigem da Igreja.

Tudo isso está enraizado na vida e na missão do Deus Trinitário. Portanto, não é a Igreja que faz a missão, mas a missão que faz a Igreja. A interpelação feita em Mt 28,18-20, Mc 16,15, e especialmente desde Pentecostes, é frequente: a Igreja nasceu católica, nasceu em saída, nasceu missionária, colocando-se a caminho até os confins da terra.

Dentro dessa lógica, a centralidade do *querigma*, do anúncio de Cristo ressuscitado, merece ser valorizada: é ao mesmo tempo a fonte da alegria que anima o discípulo missionário e a primeira coisa que deve ser oferecida a todos em qualquer atividade da Igreja. As raízes pascais, cristológicas e trinitárias serão sempre a seiva do fervor missionário da Igreja.

Igreja, um sinal profético para a humanidade

A Igreja está unida à Trindade. Portanto, onde quer que haja um batizado, ele é nosso irmão!

A Igreja está unida à Trindade, portanto, em nosso coração vibram os mesmos desejos de Deus: reunir e salvar a humanidade dispersa. Onde quer que haja um homem ou uma mulher que não conheça Cristo, devemos proclamá-Lo! Por meio do testemunho de vida pessoal, mas também com todo o corpo eclesial: “Vejam como eles se amam” (cf. Tertuliano, século II).

A Igreja, movida pelo poder do Espírito, sai com ardor ao encontro de todo homem e de todo povo que ainda não conhece a Deus. Acima de tudo, com amor misericordioso e sem indiferença, ela vai ao encontro daqueles povos que são descartados, marginalizados, esquecidos por todos, menos por Deus.

A missão do Pai, do Filho e do Espírito Santo não é coisa do passado. Eles continuam sua missão hoje e a continuarão em todos os tempos. Portanto, a Igreja é um sinal profético e, ao mesmo tempo, esperançoso do chamado à fraternidade universal. Ela é o instrumento de Deus para alcançar todos os seus filhos e reuni-los em unidade.

Um povo uno e único

Esse Povo de Deus tem a característica de ser uno e único. Portanto, ele se estende ao mundo inteiro e em todos os tempos. É um fermento de unidade em meio a uma humanidade ferida pela fragmentação, pelo ódio e pela guerra. É o desejo de que toda a humanidade se reúna em unidade. Aquela humanidade que, como em Babel, havia se dispersado.

Povo presente em todas as raças

A Igreja é o Povo de Deus que está presente no mundo inteiro, em todas as raças da Terra. Ela reúne cidadãos de todo canto. Não importa de que parte do mundo eles sejam, todos os fiéis espalhados pelo mundo fazem parte dessa mesma família, comunicando-se uns com os outros no Espírito Santo e, assim, “aquele que mora em Roma sabe que os que estão na Índia são membros dos seus” (LG 13).

Enriquece todas as culturas

E como o Reino de Cristo não é deste mundo (cf. Jo 18,36), a Igreja, a serviço do Reino de Deus e em diálogo com todas as culturas, não diminui o bem temporal de nenhum povo; ao contrário, fomenta e assume as capacidades, riquezas e costumes dos povos, no que eles têm de bom, colaborando em seu fortalecimento e purificação.

Chamada a congregar na unidade

Pois a Igreja está bem ciente de que deve se reunir em união com o Rei a quem todas as nações

foram dadas como herança (cf. Sl 2,8) e a cuja cidade elas trazem seus presentes e tributos (cf. Sl 71 [72],10; Is 60,4-7; Ap 21,24). Assim, para cumprir o plano da vontade de Deus, que inicialmente criou uma única natureza humana, determinou logo de congregar seus filhos que estavam dispersos (cf. Jo 11,52).

Universalidade da Igreja

Esse caráter de universalidade que distingue o Povo de Deus é um dom do próprio Senhor, pelo qual a Igreja Católica tende, eficaz e perpetuamente, a servir na recapitulação de toda a humanidade, com todos os seus bens, sob Cristo Cabeça, na unidade do seu Espírito.

Cada uma das partes contribui com seus próprios dons

Em virtude dessa catolicidade, cada uma das partes colabora com seus próprios dons com as outras partes e com toda a Igreja, de modo que o todo e cada uma das partes aumentam por causa de todos aqueles que se comunicam mutuamente e tendem à plenitude na unidade. Daí decorre que o Povo de Deus não só reúne pessoas de diferentes povos, mas também é composto de diferentes serviços, vocações e carismas para o bem comum.

Vínculo de comunhão - compartilhar dons

A partir disso, no final, as várias partes da Igreja estão unidas em estreita comunhão com relação às riquezas espirituais, aos missionários e à ajuda temporal. Os membros do Povo de Deus são chamados a compartilhar os bens, e as seguintes palavras do apóstolo podem ser aplicadas às Igrejas locais: "O dom que cada um recebeu, use-o a serviço dos outros, como bons administradores da multiforme graça de Deus" (1Pd 4,10).

Apelos à unidade católica - Paz universal

Todos os homens são chamados a esta unidade católica do Povo de Deus, que simboliza e promove a paz universal, e a ela pertencem ou são ordenados de várias maneiras, sejam os fiéis católicos, sejam outros crentes em Cristo, sejam todos os homens em geral, pela graça de Deus, chamados à salvação.

III.CONCLUSÃO

Assim, a Igreja aparece como resultado do plano de Deus, que é amor, para tornar as pessoas participantes de sua vida e glória. Vivendo como Igreja, de acordo com a Trindade, damos continuidade à missão do Filho, experimentamos uma conversão genuína e somos um sinal profético para a humanidade.

Somos um sinal confiável de salvação se:

- **Promovemos a missão ad gentes da Igreja com novo vigor**, pois é tarefa de todos; o alcance missionário é o *paradigma de toda a ação da Igreja* (cf. EG 15).
- **Caminhamos juntos na escuta do Espírito**, porque somos o Povo que pertence a Deus, à Trindade.
- **Testemunhamos** o que "vimos e ouvimos", experimentamos em primeira mão.
- **A partir da fé em Jesus Cristo**, que nos salvou, nós O encontramos, acreditamos Nele e

queremos levá-Lo ...

- ***Na realidade de nossos povos até os confins do mundo.***

Com o mesmo amor que o Pai, enviando o Filho e o Espírito, envia a Igreja para estar no meio da humanidade como um sinal de comunhão, misericórdia e salvação. A Igreja é você, sou eu, é cada pessoa batizada. Não podemos permanecer impassíveis. O mundo precisa. O mundo está esperando.



FOLHA 1:

A MISSÃO NASCE DA TRINDADE: DA MISSIO DEI À MISSIO ECCLESIAE

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão a força do Espírito Santo, que descerá sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”* (At 1,8)
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, com a força do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas de Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA PRIMEIRA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Analisar a validade de nosso mandato missionário ad gentes e sua dimensão trinitária por meio de diálogos participativos.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó PAI MISERICORDIOSO, QUE REVELASTE EM TEU FILHO A “BOA NOVA”,

anunciada nestas terras da América por tantos missionários, em palavras e ações; ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de batizados para dar um novo impulso à nossa ação missionária proclamando, como eles, a alegria do Evangelho.

Ó Deus,
que **DERRAMAS TEU ESPÍRITO SANTO PARA
RENOVAR A FACE DA TERRA,**
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dê-nos força para caminhar, como povo de Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
sejamos sempre teus discípulos missionários
até os confins da terra.

Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

“A Igreja peregrina é, por sua própria natureza, missionária, pois tem sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2).

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

A Igreja nasceu da Trindade. Ela é enviada ao mundo para que possa compartilhar o que ela mesma recebeu: a salvação e a comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa Boa Nova da Salvação não é apenas para os crentes em Cristo, mas para toda a humanidade. Todo homem e toda mulher são chamados a participar da bem-aventurança, da alegria, da plenitude da vida em Deus, mas não sozinhos, e sim por um desígnio do Amor de Deus, somos chamados a vivê-lo como um só Povo, um só Corpo. Em Jesus, por meio do Espírito Santo, estamos em comunhão com Deus e com nossos irmãos e irmãs. Somos um em Cristo.

A alegria de retornar à “casa” do Pai e de sermos irmãos e irmãs, que o Filho nos deu no Espírito Santo, não deve permanecer “fechada” na Igreja, mas é um convite a toda a humanidade. Deus deseja reunir todos os seus filhos dispersos e a Igreja será um sinal e um instrumento disso. É a partir da missão de Deus que a missão da Igreja é nutrida e tem significado. Na Igreja e a partir dela, Jesus Cristo e o Espírito Santo continuam a salvar a humanidade e a levá-la à plena comunhão com o Pai. Somos testemunhas disso até os confins da terra.

VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. “Toda a Igreja é missionária, e o trabalho de evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus” (AG 35).

Como a Igreja na América está cumprindo seu dever fundamental de levar o Evangelho até os confins da Terra?



2. Para a Igreja, a proclamação não é um aspecto opcional ou marginal, mas uma dimensão vital, pois ela nasceu apostólica e missionária, moldada pelo Espírito Santo como uma comunidade “em saída” (cf. Catequese, 15 de março de 2023).

Como a Igreja local, pessoal e comunitariamente, promove sua dimensão apostólica e missionária?

3. Fundada sobre o testemunho de vida, a pregação da Palavra, a catequese e a celebração dos sacramentos (cf. Evangelii Nuntiandi, 40-48) e animada pelo Espírito Santo, a primeira comunidade cristã tirou deles a inspiração e o vigor para o anúncio do Evangelho (cf. At 2,42-47). Não se trata de proselitismo, isso não é cristão, o estilo é: anunciar Cristo antes de tudo com o testemunho de vida.

Onde se baseia a proclamação do Evangelho em nossas comunidades?

4. A Igreja é Povo de Deus que está presente em todas as partes do mundo, em todas as raças da Terra. Não importa de que parte do mundo eles sejam, todos os fiéis espalhados pelo mundo fazem parte da mesma família, comunicando-se uns com os outros no Espírito Santo, e assim “aquele que mora em Roma sabe que os que estão na Índia são seus membros”. A partir disso, surgem os laços de íntima comunhão entre as várias partes da Igreja, no que diz respeito às riquezas espirituais, aos trabalhadores apostólicos e à ajuda temporal.

Como você entende que a Igreja na América está compartilhando suas “riquezas espirituais, agentes apostólicos e ajuda temporal” com os outros irmãos do mundo? Todos os seus membros estão cientes disso? O que podemos fazer para ser, como Povo de Deus na América, uma “dádiva” maior para os outros irmãos do mundo?

VII. SÍNTESE COMPARTILHADA

Propostas e desafios para atender à missão ad gentes a partir da América

1. Quais são os desafios que enfrentamos para viver a missão à imagem da Trindade?

2. Que propostas podemos apresentar para incentivar todos a serem missionários à imagem da Trindade?

3. Que propostas apresentamos para o desenvolvimento de projetos missionários em nossas comunidades à luz do tema apresentado?

VIII. ORAÇÃO MARIANA

Magnificat

"A minha alma proclama a grandeza do Senhor,
o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador;
Pois ele olhou para a humildade de sua serva.
De agora em diante, todas as gerações hão de chamar-me de bendita,
porque o Poderoso fez em mim maravilhas;
e santo é o seu nome!
Seu amor de geração em geração.
Chega a todos que o respeitam
Demonstrou o poder de seu braço
dispersou os orgulhosos
derrubou os poderosos de seus tronos,
e os humildes exaltou,
de bens saciou os famintos.
e despediu sem nada os ricos.
Acolheu Israel, seu servidor,
fiel ao seu amor
como havia prometido aos nossos pais.
em favor de Abraão e de seus filhos, para sempre" (Lc 1,46-55).



TEMA 2

EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO ATÉ OS CONFINS DA TERRA



TEMA 2

EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO ATÉ OS CONFINES DA TERRA

I. INTRODUÇÃO

Nesse tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar nossa compreensão da **vida e da ação do Espírito Santo em relação à missão da Igreja**.

Nesta experiência do CAM6, desejamos dar um novo **impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra**.

O quinto capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* inspira a expressão que abordaremos aqui: “evangelizadores com espírito significa evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito” (EG 259) e o Papa continua: “quando dizemos que uma realidade tem um espírito, geralmente indicamos um movimento interior que impulsiona, motiva, anima e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (EG 261).

Os evangelizadores com o Espírito são aqueles que, acolhendo a ação do Espírito Santo, abraçam uma vida de acordo com o Espírito. A partir disso, distinguimos duas abordagens: a ação do Espírito e a vida de acordo com o Espírito. A seguir, propomos abordar essas duas abordagens em detalhes.

II. DESENVOLVIMENTO

1. A ação do Espírito Santo

Já é um tema clássico o fato de que, em nossa Igreja latina, o Espírito Santo tem sido o grande desconhecido. Mesmo nos estudos teológicos, é difícil encontrar um espaço adequado para a reflexão sobre o Espírito Santo.⁵

Nas palavras de Dom Raúl Biord Castillo, o Espírito Santo é “o travesso da Trindade”.⁶

Se a Trindade é uma família (comunhão missionária, relacionamento substancial intrínseco de três pessoas, fonte de vida), poderíamos dizer que o Espírito Santo é o “brincalhão” da família. Travesso em vários sentidos:

1. Ele é travesso porque, por meio dele, as diferenças e as identidades são superadas.
2. Ele é travesso porque, como espírito, atravessa a materialidade de toda concretude, sempre nos convidando a projetos sempre novos.
3. Ele é travesso porque interrompe todos os planos pessoais e propõe novos planos, como aconteceu com Maria, com José e com todos nós. Se é assim, quando na Igreja temos tudo

⁵ Cf. Biord Castillo, Raúl. “Abordagem teológica: A Igreja particular impulsionada pelo Espírito até os confins da terra: sua responsabilidade missionária”. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá (outubro de 2024).

⁶ Ibid.

organizado, pronto para começar, o Espírito Santo desfaz, desarranja, descompõe ... E depois da perplexidade inicial, ele nos permite chegar a uma nova ordem que integra o até então desconhecido.

4. Ele é travesso porque é uma fonte de alegria, como foi no Pentecostes, permitindo-nos superar a dor da cruz. A alegria, com um pouco de molecagem, é um de seus principais dons e um indicador de sua presença. "Um santo triste é um triste santo", como dizia Santa Teresa.
5. É travesso porque é a "travessa" que une o Pai e o Filho em um único e mesmo amor e em uma única e mesma missão. É sempre o meio travesso pelo qual podemos nos relacionar uns com os outros e com a Igreja.
6. Por fim, é travesso porque incentiva a grande travessia missionária que liga dois pontos de terra ou mar, permitindo a comunicação, a comunhão e a cooperação missionária entre as igrejas locais.

1.1 A pessoa do Espírito Santo

O fato de o Espírito Santo ser uma pessoa, significa que ele é igual em dignidade ao Pai e ao Filho, mas com sua própria singularidade. Sua igualdade está no seu ser divino: ele é Deus. Sua singularidade está no fato de que ele tem sua própria missão no plano de salvação.

O Espírito Santo é o protagonista no mistério pascal de Jesus Cristo, em e por meio dos Apóstolos e da Igreja, da realização dessa obra no espírito do ser humano e na história do mundo. Ele é o protagonista de toda a missão eclesial, por meio dos Apóstolos e nos ouvintes, para que a Boa Nova possa tomar forma. O Espírito Santo é o doador da vida.⁷

A singularidade de sua missão nos ajuda a decifrar sua própria identidade. No Novo Testamento, encontramos algumas menções que podem nos aproximar disso.

- a. *Ele é Deus "para" nós: Atos 1,4-5⁸ (promessa)* O Evangelho inteiro é uma grande promessa, centrada no Espírito Santo. O clímax é que os discípulos "serão batizados no Espírito Santo" em vista da missão universal: até os confins da terra. Em virtude dessa investidura com o Poder e a Força divinos, os discípulos serão capazes, como Jesus, de proclamar as Boas Novas do Reino de Deus até os confins da terra.
- b. *Ele é o Deus "em" nós: Atos 2,1-4 (efusão)* Pentecostes, ou o "batismo no Espírito Santo" dos apóstolos, é a efusão do Espírito Santo por Jesus, que Ele mesmo recebeu de Deus, Seu Pai, e que coroa a Páscoa de Cristo. Em Pentecostes, a promessa da efusão universal do Espírito no final dos tempos é cumprida na Igreja. O dom do Espírito tinha um propósito muito preciso: proclamar a grandeza de Deus, dando testemunho de Jesus, aos moradores de Jerusalém, que vieram de todas as partes do mundo. Eles também deveriam ouvir a mensagem do Espírito: para eles também era dirigida a Boa Nova de Jesus. Essa é a essência do mistério de Pentecostes.

7 Segura, William. Uma abordagem bíblica: O Espírito Santo e a abertura missionária da Igreja Primitiva em Atos dos Apóstolos. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá (outubro de 2024).

8 Documento de síntese do Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá, p.5.

- c. *Deus “através” de nós: Atos 2,37-39 (Deus através de nós)* Uma vez convertidos e batizados em nome de Jesus, os novos crentes recebem o dom do Espírito Santo, que o próprio Deus prometeu, pois o Espírito Santo não é apenas para os apóstolos, mas para todos os ouvintes que aceitam o testemunho de Jesus, para seus filhos e para todos aqueles a quem o Senhor chama. A promessa do Espírito Santo se estende a judeus e gentios, a todos os lugares e a todos os tempos, às pessoas daquela época e a nós hoje.

1.2 A missão do Espírito Santo

O ponto-chave de toda a história da salvação é o evento pascal: morte, ressurreição e o envio do Espírito Santo. A redenção passa pelo sacrifício da Sexta-feira Santa.

Mas o que parecia ser o grande fracasso não era o fim. A ressurreição de Jesus é o ponto de virada na história da salvação. É uma dinâmica que, longe de pertencer a um passado esquecido, nos fala do futuro e, portanto, continua a pressionar o presente com sua força libertadora.

A ressurreição, apesar das diferenças entre as versões do Novo Testamento, é um evento ligado ao Espírito Santo. Na versão de João, no dia da ressurreição, Jesus aparece aos discípulos e lhes dá o Espírito Santo (Jo 20,19-23). De acordo com a visão de Lucas, o Ressuscitado envia o Espírito cinquenta dias depois, daí o nome Pentecostes (Atos 2,1).

Assim, em conexão intrínseca com o mistério pascal, é possível delinear a missão do Espírito Santo em detalhes:

- a. *Expansão e universalidade* - Ação de Deus por meio do Espírito se distingue pela universalidade, multiplicidade e pluralidade. Podemos falar de uma autêntica polifonia. Ele é quem provoca, possibilita e canaliza uma expansão em direção ao universal, incluindo mais agentes e mais áreas de ação, com abertura e respeito por toda particularidade e originalidade.

As ações do Espírito Santo são experimentadas por todos os crentes em todo tempo e lugar. Os efeitos do Espírito abrangem uma multiplicidade de fenômenos: milagres, inspirações, êxtases, dons de línguas e profecia, vários carismas e sentimentos: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, autocontrole (cf. Gl 5,22).

- b. *Transformação e transfiguração* - O mistério de Pentecostes nos fala de transfiguração e transformação. Acima de tudo, é um dom de coragem: dos fugitivos covardes da Sexta-feira Santa, os apóstolos se tornam testemunhas corajosas e missionários do Senhor Jesus. A “parresia” faz a pessoa sair de si mesma e superar seus medos, é audácia e força, coragem e bravura, é força e alimento para o alcance missionário dos discípulos.

- c. *Criador da pluralidade e da unidade* - O Espírito Santo é o criador da pluralidade e da unidade. Por mais paradoxal que possa parecer, ele cria a unidade que harmoniza a pluralidade e, ao mesmo tempo, a pluralidade que integra e enriquece a unidade. Ele espalha seus dons e carismas, permitindo que cada igreja local tenha seu próprio rosto, iluminando o processo de inculturação do evangelho nos povos e comunidades, de acordo com a lógica da encarnação.

O Espírito é a alma de cada igreja local e, ao mesmo tempo, um fator de integração na universalidade da única Igreja Católica. Os diferentes ministérios e carismas servem ao bem comum de todo o povo de Deus.

Não precisamos esperar pela ação do Espírito, porque o Espírito já está agindo. Não precisamos esperar por eventos maravilhosos ou grandes prodígios. O Espírito já veio, já está agindo, já vive em nós. Experimentar o Espírito implica assumir um risco. Temos de ir ao encontro do outro, viajar para o diferente, para o absolutamente desconhecido, permitir que sejamos transformados e mudados por ele. Temos de renunciar a nós mesmos e ir ao encontro dos outros.

Uma comunidade animada pelo Espírito é uma comunidade aberta ao mundo, capaz de ver além de seus muros e de se compadecer com a dor e o sofrimento dos outros. Ela vê as coisas com os olhos dos pobres, das vítimas, com os olhos dos últimos, dos descartados da sociedade que são os favoritos de Deus. É, portanto, uma comunidade que saiu da letargia e da cegueira e, por isso, é capaz de superar o narcisismo da autorreferencialidade e de vencer a tentação do “gueto”.

A missão do Espírito nos fala em Pentecostes de uma ampliação e inclusão universal, que é a chave para entender a missão da Igreja. O Espírito está sempre atuando de forma invisível e surpreendente, derramando seus carismas, mostrando-se mesmo fora dos limites visíveis da Igreja universal e das igrejas particulares. “Este tempo é marcado por sua presença e ação. Ele é o protagonista da Missão. Os missionários de Deus são aquelas pessoas que, deixando-se guiar pelo Espírito, colaboram e se tornam cúmplices de sua Missão”.⁹ Reconhecer a missão do Espírito nos levará pelos caminhos da mística, para entrar nos caminhos da interioridade, que são os do coração, para reconhecer o Deus dos místicos. A mística nos permitirá ser “evangelizadores com o Espírito” (EG 262-280) e, ao mesmo tempo, sustentar a força missionária com a intercessão da oração (EG 281-283).

A missão do Espírito nos introduz em um processo de divinização que é a participação na comunhão missionária da Trindade. Nós viemos da Trindade e vamos para a Trindade.

2. Vida no Espírito Santo

Essa segunda abordagem da evangelização com o Espírito refere-se às motivações internas dos próprios evangelizadores, que certamente são fruto da ação do Espírito, combinadas, porém, com a resposta e a entrega das pessoas à iniciativa divina.

A primeira motivação de um evangelizador é definitivamente o encontro pessoal com o Cristo morto e ressuscitado por meio do Espírito. O coração do evangelizador é, antes de tudo, um coração em processo de conversão.

⁹ Cf. Biord Castillo, Raúl. “Abordagem teológica: A Igreja particular impulsionada pelo Espírito até os confins da terra: sua responsabilidade missionária”. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Missiologia no Canadá (outubro de 2024).

2.1 Encontro pessoal com Cristo

Em EG 164-165, descobrimos que o primeiro anúncio ou “querigma” deve estar no centro da atividade evangelizadora e de toda tentativa de renovação eclesial. O “querigma” é trinitário, pois é o fogo do Espírito que é dado na forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que por sua morte e ressurreição revela e nos comunica a infinita misericórdia do Pai. A centralidade do “querigma” exige certas características necessárias do anúncio missionário:

- *Deus é amor*: ele me ama incondicionalmente, ele me ama porque quer me salvar.
- *O amor nos torna livres*: Deus, em seu amor, gera liberdade no coração de cada homem ou mulher que o acolhe e o aceita.
- *Deus me sonha feliz*: os corações daqueles que conhecem Jesus Cristo são selados com alegria, encorajamento, estímulo e vitalidade.

O Espírito Santo é a condição que o Pai e o Filho prometem para que sua obra de salvação seja realizada.

Os apóstolos afirmam que eles mesmos, juntamente com o Espírito Santo, são testemunhas da veracidade do “querigma”: eles se confessam anunciadores irrefutáveis da função redentora que se baseia na vida, na morte e na ressurreição do Senhor Jesus. Temos uma missão sob o marco da coragem, da firmeza e de um testemunho em nome de Jesus que é incômodo e provocador.

A autenticidade do testemunho não vem da intuição ou do conhecimento dos discípulos, mas nasce do dom do Espírito que lhes dá a capacidade de se tornarem enviados do Ressuscitado (At 1,8; Lc 12,2) e, portanto, testemunhas oculares da grandeza do “querigma” trinitário. Mesmo que as consequências sejam a perseguição, Jesus não garantiu sucessos fáceis. A missão é sempre um risco.

2.2 A paixão de Deus é a paixão do missionário

A missão é, em suma, a adesão a esse Deus missionário que se revelou em Jesus, que ama a todos nós, que fala a todos nós e que nos chama a participar de sua vida e glória, chamando-nos a cooperar com ele para construir um mundo novo, “um novo estado de coisas, uma nova maneira de ser, de viver, de estar com os outros” (EN 23). O missionário não vai por conta própria, ele é enviado. E esse envio é possível porque ele foi primeiro infundido com a vida do Espírito que o capacita a compartilhar a paixão de Deus.

Dessa raiz, que podemos chamar de adesão a uma “vida segundo o Espírito”, surge a paixão e “o prazer espiritual de estar perto da vida das pessoas, a ponto de descobrir que isso se torna uma fonte de maior alegria” (EG 268). A missão nos leva a uma divinização que nos liberta, nos torna fonte de vida e nos humaniza plenamente.

3. Testemunhas do Cristo vivo

Falar de evangelizadores capacitados pelo Espírito é falar de testemunhas autênticas do Cristo Vivo. O Espírito Santo é o Espírito de Jesus. Viver de acordo com o Espírito é compartilhar a vida de Cristo em nossa própria vida, infundida pela pessoa do Espírito que nos envia aos confins da terra como testemunhas e enviados dessa nova vida do Cristo Ressuscitado.

3.1 Testemunhas em movimento até os confins da Terra

A testemunha deve ser, por natureza, um missionário em saída. Para qualificar a dinâmica de “sair” para os confins do mundo, o Pe. Estêvão Raschietti divide o termo “confinos” em três significados diferentes: confins como horizontes, como fronteiras e como margens.

- a. *Horizontes de um movimento de evolução, expansão, avanço e descoberta* - A Igreja está a serviço de uma humanidade que viaja cada vez mais longe, compartilhando com ela “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias, especialmente dos pobres” (GS1). Onde está a sociedade global hoje, em direção a que fim, em direção a que objetivo, em direção a que horizonte?

O mundo globalizado em que vivemos parece ter perdido a visão de seu horizonte, diminuindo suas expectativas, encolhendo seus sonhos e esperanças, vivendo de metas fragmentárias e de curto prazo: “a história - diz o Papa - mostra sinais de regressão” (FT 11).

Entretanto, para os discípulos missionários “nada do humano pode parecer estranho” (DAP 380). Francisco convida continuamente a Igreja a superar a tentação de se fechar, de se retrancar, de condenar e de lidar reativamente com os problemas complexos que surgem no mundo de hoje. Pelo contrário, devemos sair, criar hábitos proativos, ver oportunidades e não apenas ameaças, discernir com segurança, mas caminhar na esperança e “abrir-se aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55).

Os horizontes universais das culturas, das sociedades, dos saberes, das ciências, das tecnologias e das várias esferas da vida são um contínuo convite a abrir-se a tudo e a todos, ao novo, ao inesperado, ao desconhecido, ao subversivo, lembrando o adágio de Santo Irineu “o que não é assumido não é redimido” (cf. DP 400) e lembrando também que a Boa Nova de Jesus de Nazaré foi também algo absolutamente desconcertante, novo, aberto a tudo e a todos, que semeou esperança, mas também gerou resistências e conflitos.

- b. *Fronteiras*- Um segundo significado do termo “limites” refere-se às fronteiras, o limiar entre o nosso mundo e o dos outros. Os limites também são linhas de demarcação, separação, cruzamento e intercâmbio.

A origem das fronteiras no mundo atual - sejam elas geopolíticas, socioculturais ou identitárias - pode ser atribuída menos a uma questão histórica, cultural ou ancestral do que ao processo de colonização e dominação do Ocidente sobre o resto do planeta.

Defato, a hegemonia ocidental criou a fronteira que é a mãe de todas as fronteiras: a linha abissal entre a modernidade e a colonialidade. Essa fronteira, com seu subsistema de distinções visíveis e invisíveis, é reproduzida de forma natural e articulada até hoje, em todos os aspectos da vida cotidiana, na organização das sociedades, nas relações internacionais e até mesmo nas igrejas.

Com suas pretensões universais, hegemônicas e salvacionistas, o Ocidente impôs sistematicamente uma relação assimétrica entre um ser superior (branco, cristão, civilizado,

benfeitor) e um sub-ser inferior (índio/negro, pagão, subdesenvolvido, necessitado). A partir da dominação das almas, da imposição de um imaginário, da sedução das mentes, da erradicação das identidades culturais, da hierarquização das raças, da negação do outro, surgiu o sistema-mundo moderno. Esses processos de dominação ainda nos definem hoje e são internalizados/naturalizados em nós, de modo que constituem um limite de identidade originado na cumplicidade inspiradora da missão cristã.

Essa missão precisa habitar penitencialmente as fronteiras que ela mesma criou (ad gentes) para aprender a desaprender um modo de se dirigir aos outros (contra gentes) e reaprendê-lo em reciprocidade com os outros (inter gentes). Essa é uma profunda conversão interior. Nossas Igrejas precisam ir até as fronteiras de seu conhecimento, de sua compreensão, de suas certezas, de seu modo de ser, e buscar novas formas de evangelizar a si mesmas e aos outros, encontrando verdadeiramente os outros: “cada vez que encontramos um ser humano no amor, somos capazes de descobrir algo novo sobre Deus” (EG 272).

Nesse sentido, a missão precisa retornar a pensar e fazer teologia. A teologia da missão é chamada a retomar seu duplo papel de “teologia de fronteira” e “fronteira da teologia”. Vale a pena lembrar que a abordagem colonial da missão não foi determinada pelos métodos, inconsistências e atitudes dos missionários: pelo contrário, foi determinada pela relação dedutiva entre teologia e missão.

Os “novos confins”, entendidos como “fronteiras”, constituem “linhas de frente” para a Igreja hoje, onde podemos ver a realidade do revés da história, das feridas coloniais, culturais, religiosas e epistêmicas dos povos crucificados, empobrecidos, silenciados, descartados e negados. Assim, as fronteiras constituem tanto uma realidade histórica quanto uma escolha ética que, por sua vez, implica uma “ótica”, um “distanciamento” fundamental ao perceber, ouvir e questionar a realidade do ponto de vista das vítimas e dos sobreviventes.

- c. *periferias* - Um terceiro significado do termo “confins”, de forma semelhante ao segundo, aponta para as margens, as periferias, os lugares marginais, suburbanos, fronteiriços. Eles são a Galileia do mundo atual, territórios mestiços, sincréticos e empobrecidos, marcados pela exclusão, expropriação, violência e abandono.

O Papa Francisco convida continuamente a Igreja a sair para as periferias, para não correr sem rumo e sem sentido pelo mundo (EG 46). Diferentemente das fronteiras, as periferias existenciais não estão entre os mundos, mas dentro dos mundos, como realidades esquecidas, invisíveis e desprezadas. Se a fronteira representa o lugar do (des)encontro com o outro, a periferia é o lugar da proximidade com o pobre.

Tornar-se pobre é uma exigência radical para seguir Jesus, porque essa condição é uma participação na vida divina, mostra quem é Deus, a quem Deus prefere, com quem Deus se coloca em sua missão: “o encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé”, disse Aparecida (DAp 257), e a eles é concedida a condição de mediadores da graça (cf. EG 197). Assim, não basta que a Igreja afirme ser a “casa dos

pobres” e dos marginalizados, mas ela deve primeiro entrar em suas casas como peregrina.

Isso também implica um processo de aprendizagem que leva a habitar as periferias, a tecer laços de amizade (cf. DAp 398), a sentir e a pensar a partir do solo dos marginalizados, a ter o coração dos pobres, a compartilhar sua visão de mundo, a viver intensamente sua vida cotidiana. Em outras palavras, deixar que a periferia habite em nós. “Habitar” é muito mais do que se tornar um hóspede: significa pertencer mergulhando, tocando com a mão o desencanto, as divisões, os conflitos e as lacerações produzidos pela diáspora fronteiriça, enraizados na história, no corpo e na vida cotidiana das mulheres violentadas, dos indígenas e dos negros, dos migrantes despossuídos, dos trabalhadores condenados à precariedade, dos excluídos por razões de gênero, dos milhões de deserdados que vivem a violência colonial em sua própria carne. É por isso que as periferias, assim como as fronteiras, não são um lugar fácil de se viver.

III. CONCLUSÃO

Toda a universalidade da missão, estendida a todas as nações até os confins da terra, acabará sendo contextualizada em um território - que não é um território qualquer - e em uma condição existencial marginal, esquecida, excluída - que não é uma condição existencial qualquer. A missão é assumir, compartilhar e viver essa condição existencial de exclusão e invisibilidade. Missão é deixar de ser o centro, missão é “desaparecer”. “O discípulo-missionário é descentrado - diz o Papa Francisco - porque seu centro é Jesus Cristo, que chama e envia” (FRANCISCO, 2013). Esse centro exige fidelidade, desapego, desarmamento e a mais absoluta gratuidade. Aqui reside o permanente discernimento sinodal e a atitude penitencial de toda “Igreja em saída” para as periferias.



FOLHA 2:

EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO ATÉ OS CONFINES DA TERRA

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”*. Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA SEGUNDA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Redescobrir a identidade do batizado de “ser igreja” a partir do ser evangelizador que, movidos pelo Espírito Santo, responde a sair ao encontro de todos os nossos povos.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
Que revelaste em teu Filho a Boa Nova,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e ações;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de
batizados
para **dar um novo impulso à nossa ação
missionária
proclamando, como eles, a alegria do
Evangelho.**

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar a
face da Terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dê-nos força para caminhar, como povo de Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
que sejamos sempre teus discípulos missionários
até os confins da terra.

Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

Evangelii Gaudium: Capítulo V: Evangelizadores com Espírito 259, 261, 262.

259. Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transformá-los em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.

261. Quando se diz de uma realidade que tem «espírito», indica-se habitualmente uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária. Uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos. Como gostaria de encontrar palavras para encorajar uma estação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante! Mas sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora. Antes de propor algumas motivações e sugestões espirituais, invoco uma vez mais o Espírito Santo; peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos.

262. Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação”. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade.

V. BREVE SÍNTESIS DO MARCO TEOLÓGICO

Os evangelizadores com o Espírito são aqueles que, acolhendo a ação do Espírito Santo, abraçam uma vida de acordo com o Espírito. A partir disso, distinguimos duas abordagens: a ação do Espírito e a vida segundo o Espírito.

O Espírito Santo é o protagonista da missão. Ele é Deus “para” nós, Deus “em” nós e Deus “por meio” de nós. A ação de Deus por meio do Espírito se distingue pela universalidade, multiplicidade e pluralidade. É ele quem provoca, possibilita e canaliza uma autêntica expansão em direção ao universal, incluindo mais agentes e áreas de ação, com abertura e respeito por sua particularidade e originalidade. O Espírito, em sua ação, transforma cada pessoa para que tenha a coragem de sair de si mesma, de superar seus medos e de se deixar levar para as periferias. O Espírito Santo é o criador da pluralidade e da unidade. Ele espalha seus dons e carismas, permitindo que cada igreja local tenha seu próprio rosto, iluminando o processo de inculturação do Evangelho nos povos e nas comunidades, de acordo com a lógica da encarnação.

O evangelizador com Espírito participa de uma vida no Espírito. Portanto, para ter essa vida no Espírito, é preciso ter um encontro pessoal com Cristo que leve a ter uma paixão pelas coisas de Deus. O Espírito permite que toda pessoa batizada se torne um enviado do Cristo Ressuscitado (At 1,8; Lc 12,2) e, portanto, uma testemunha ocular da grandeza do querigma trinitário.

O evangelizador capacitado pelo Espírito é, portanto, uma testemunha de Cristo. O Espírito Santo levará o missionário até os confins da terra. Esses confins podem ser definidos a partir dos horizontes das culturas, sociedades, conhecimentos, ciências, tecnologias e várias esferas da vida; a partir de fronteiras geopolíticas, socioculturais ou de identidade; e a partir das periferias existenciais, conforme apresentado pelo Papa Francisco.

Toda a universalidade da missão, estendida a todas as nações até os confins da terra, acabará sendo contextualizada em um território - que não é um território qualquer - e em uma condição existencial marginal, esquecida, excluída - que não é uma condição existencial qualquer. A missão é assumir, compartilhar e viver essa condição existencial de exclusão e de invisibilidade. Missão é deixar de ser o centro - missão é desaparecer. “O discípulo-missionário é descentrado - diz o Papa Francisco - porque seu centro é Jesus Cristo, que chama e envia” (FRANCISCO, 2013).



VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. Como temos pedido ao Espírito Santo que nossa ação missionária seja conduzida por Ele? Como nossa experiência espiritual nos motiva a uma ação de Igreja em saída e não nos fecharmos em nós mesmos?

2. Qual tem sido sua experiência de missão e evangelização? Você caiu na rotina ou na falta de ânimo? O que causa a perda da alegria de levar o Evangelho? Como você recuperou essa alegria no Espírito para viver a missão?

3. Você consegue reconhecer ou pensar em pessoas que são evangelizadores capacitados pelo Espírito? Quem é ou são eles? Quais são as características desses evangelizadores capacitados pelo Espírito?



VII. SÍNTESE COMPARTILHADA

Propostas e desafios para atender à missão ad gentes a partir da América

1. Quais são os desafios que enfrentamos para ser e desenvolver evangelizadores cheios do Espírito?

2. Que propostas podemos apresentar para animar a todos a serem evangelizadores com o Espírito?

3. Que propostas podemos apresentar para desenvolver projetos missionários em nossas comunidades?

VIII. ORAÇÃO MARIANA

Maria, a Mãe da Evangelização (EG 288)

Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito,
acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»
perante a urgência, mais imperiosa do que
nunca,
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.

Vós, cheia da presença de Cristo,
levastes a alegria a João o Baptista,
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.

Vós, estremecendo de alegria,
cantastes as maravilhas do Senhor.
Vós, que permanecestes firme diante da Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da
ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.

Alcançai-nos agora um novo ardor de
ressuscitados

para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.
Dai-nos a santa ousadia de buscar novos
caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.

Vós, Virgem da escuta e da contemplação,
Mãe do amor, esposa das núpcias eternas
intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone
puríssimo,
para que ela nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da
comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.

Mãe do Evangelho vivente,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós.

Amen. Aleluia!





TEMA 3
O REINO DE
DEUS COMO
HORIZONTE
DA MISSÃO

TEMA 3

O REINO DE DEUS COMO HORIZONTE DA MISSÃO

I. INTRODUÇÃO

Nesse tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar nossa compreensão da relação entre o Reino de Deus e a missão cristã.

Nesta experiência do CAM6, desejamos **dar um novo impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.**

É necessário começar nossa proposta reconhecendo que o Reino de Deus não é simplesmente o horizonte da missão como uma questão periférica, que pode ser visualizada ou não, de acordo com as circunstâncias ou o simples desejo da comunidade eclesial. O Reino de Deus é o próprio coração da missão, é a razão da missão. Lembremo-nos de que a missão é a missão de Deus, e essa missão nos arrebatava, como Igreja, e dá sentido à nossa existência.

Lucas apresenta o próprio Jesus no início de sua missão pública, na sinagoga, um lugar de “escuta” comunitária da Palavra de Deus, assumindo a profecia de Isaías como estrutura e definição de sua missão. Vamos ler o texto, Lc 4,14-21:

“Jesus voltou para a Galileia no poder do Espírito, e a sua fama se espalhou por toda a região. Ele ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam. Jesus foi para Nazaré, onde havia sido criado, e no sábado entrou na sinagoga, como de costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe apresentado o livro do profeta Isaías e, abrindo-o, encontrou a passagem em que estava escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu. Enviou-me para levar boas novas aos pobres, para proclamar libertação aos cativos e recuperação da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.’ Jesus fechou o livro, entregou-o de volta ao ajudante e se sentou. Todos na sinagoga estavam com os olhos fixos nele. Então ele começou a lhes dizer: ‘Hoje se cumpriu a passagem da Escritura que vocês acabaram de ouvir’”.

Jesus é o Reino de Deus, sua pessoa e sua mensagem, sua palavra, seu modo de vida, sua capacidade de relacionamento e sua fidelidade ao plano de salvação que brota constantemente do coração do Pai, esse é o Reino de Deus. Podemos identificar, no texto de Isaías, citado por Lucas, e colocado na boca de Jesus, algumas expressões claras que descrevem o Reino:

- O Espírito de Deus é protagonista e consagra (unge) Jesus para a missão.
- Jesus assume conscientemente sua condição de enviado.
- O enviado tem interlocutores concretos: os pobres.
- A dinâmica do Reino é expressa em movimentos específicos: libertação, cura. Esses são frutos claros da ação de Deus em favor da humanidade.

A frase final, “hoje se cumpriu ...”, nos permite entender que Jesus não apenas simpatiza com a profecia, mas que a assume como projeto de vida, concretizando assim a missão do Filho, enviado pelo Pai, ungido pelo Espírito.

Agora, vamos nos perguntar: quais são as consequências de tudo isso para nós? A resposta não pode esperar: a missão que Jesus nos confia, aquela que dá sentido e conteúdo à vida da Igreja, não é apenas uma continuidade da missão de Jesus, entendida como um prolongamento no tempo. Nossa fidelidade à missão do Reino passa por um processo constante de transformação que não só se traduz no anúncio da fé àqueles que não conhecem o Evangelho, mas também é um caminho de conversão permanente à fé por nossa parte. As palavras de Jesus: “convertei-vos porque o Reino está no meio de vós” geram uma tensão saudável necessária em nossa experiência de fé, em nível pessoal e comunitário.

II. DESENVOLVIMENTO

O Reino de Deus: sua natureza e valores

A mensagem de Jesus de Nazaré sobre o Reino de Deus que está aqui em nosso meio é retumbante. Ela aponta para o presente. O verdadeiro presente é, por definição, constituído por todos os passados que o tornaram possível e aberto ao futuro como uma possibilidade.

Se pudéssemos identificar uma dimensão ética de viver o Reino, é possível olhar para a experiência global da pandemia como um exemplo claro: ela ressoou em muitos de nós como um desafio, uma necessidade de mudar nossas vidas. Tornou-se imperativo quebrar a lógica que sustenta um modo de vida tão vertiginoso. Essa dimensão ética possivelmente nos desafia a buscar um estilo de vida que abrace a simplicidade, que renuncie às aparências, à corrida pelo prestígio e ao consumo irresponsável e excessivo. Mas uma compreensão adequada do Reino vai além de uma mera interpretação ética. Quando voltamos a olhar para a experiência de Jesus por meio das Sagradas Escrituras, podemos entender que as possíveis exigências morais de viver o Reino estão baseadas em uma experiência de aprendizado muito mais profunda, em que o discípulo missionário, por meio do encontro permanente com Cristo, assume progressivamente sua pertença a Deus, sua pertença à Igreja. A partir dessa relação filial, na qual Deus é visto como Pai e a Igreja como Mãe, entende-se que o Reino de Deus oferecido a toda a humanidade, servido pela Igreja como sacramento de salvação, nos leva a redescobrir a vocação à unidade, uma unidade que não se esgota na Igreja, mas que se abre à mística de pertencer à família humana.

Na fé cristã a centralidade da pessoa de Jesus Cristo é decisiva, lembremos mais uma vez que Jesus não apenas “fala do Reino”, Ele “é” o Reino de Deus; conseqüentemente, nós crentes devemos sustentar uma dinâmica que nos permita retornar a Ele sempre. E quando planejamos anunciá-Lo, devemos tentar fazê-lo abraçando a totalidade de sua pessoa e de sua mensagem, para nós e para nossos interlocutores devemos buscar a experiência constante do fascínio com sua pessoa e sua mensagem.

Frequentemente encontramos pessoas que compartilham conosco suas próprias buscas pela felicidade e, ainda mais frequentemente, nós mesmos buscamos ser felizes. No entanto, não é raro que essas buscas se concentrem na satisfação de necessidades ou na tentativa de obter o

mínimo de segurança pessoal ou familiar, mas será que encontramos esse tipo de felicidade em Jesus, em sua missão? Em um simples exercício de contemplação, descobrimos rapidamente que Jesus não vem até nós para nos dar uma mensagem superficial de consolo ou para nos entreter com alguns compromissos com causas saudáveis que estão na moda em um determinado momento. Jesus não é um revolucionário pragmático, nem um místico abstraído da realidade, vendendo uma felicidade superficial, nem mesmo pretende dar uma possível mensagem questionadora. Jesus vive, se encontra, ouve, sente, fala, serve, carrega a cruz, morre dando sua vida para salvar – para redimir o mundo. O Reino de Deus é a Salvação para o mundo.

A chegada do Reino na história nos permite entender que tudo pode ser redimido, que a justiça de Deus quer alcançar todos salvando. O cristão é uma pessoa fascinada pela experiência de ser salvo e procura se aproximar de toda situação de dor e de pecado para oferecer a salvação de Deus a todos por meio da palavra, do testemunho e da doação da própria vida. Para que isso seja possível, a dimensão de discipulado de nossa condição cristã nos permite entrar sempre em comunhão com Jesus para aprender suas palavras, seus gestos, seus caminhos e, por sua vez, essa mesma condição de discipulado, complementada pela dimensão missionária, nos permite amadurecer em nossa capacidade de encontrar os outros, de modo que a realidade também nos alcance, entre em nós, nos machuque com sua dor, nos alegre com sua alegria e nos envolva com suas necessidades. É um exercício de descentramento permanente, em que damos a primazia a Jesus, mestre da humildade, da constância, da paciência e da compaixão, e olhamos a partir de seu olhar, com a liberdade dos filhos de Deus.

Espiritualidade do discípulo missionário do Reino de Deus

Nossa condição de sermos chamados, ungidos e enviados. A dimensão vocacional de nossa própria jornada de fé nos leva a descobrir que, por sermos chamados a acreditar em Deus e nos abirmos ao dom de sua paternidade, somos ungidos e enviados para oferecer esse dom a todos. Alimentar nossa consciência de sermos “enviados” sempre nos levará a um exercício de purificação que nos desinstala e afasta qualquer pretensão de superioridade e de triunfalismo missionário. Nós não temos uma missão, a missão de Deus é que nos tem.

Nossos interlocutores são os de Jesus, os pobres. Uma chave para o discernimento missionário sempre será a vida dos pobres, não como vítimas de um sistema, mas como um lugar teológico onde Deus se faz presente e exige de nós fidelidade no serviço da justiça, da verdade, da dignidade e do bem comum.

Os movimentos próprios da missão de Jesus, em favor do povo, continuam sendo os canais da missão que nos foi confiada, o que evita possíveis interpretações desviantes da missão, que podem ter o aroma de abstrações morais, piedosas e doutrinárias. A missão a serviço do Reino exige uma espiritualidade de pertença ao Santo Povo Fiel de Deus, que celebra, escuta Deus nas Escrituras e na realidade e, servindo com compaixão, sem arrogância ou interesses ocultos, oferece o caminho da salvação e reconhece o Reino de Deus.

Para Jesus, o Reino de Deus, o que ele esperava e anunciava, é o que acontece quando Deus reina em vez de qualquer outro poder. Em termos históricos, ou seja, como uma realização no tempo,

isso significa que a paz, a justiça e o amor reinam entre as pessoas e na natureza. O reino de Jesus, um reino de justiça e serviço, busca crescer no meio das pessoas e do mundo. Jesus não fugiu do mundo, nem convida ninguém a fugir dele. “Meu reino não é deste mundo”, essa palavra de Jesus não deve nos levar a ficar despreocupados e a fugir, caindo em uma espiritualização da evangelização, pois somos chamados a servir na expansão de um Reino que não se identifica com os poderes deste mundo, mas que se torna visível, tangível nele. Foi a isso que Jesus se dedicou: testemunho e serviço. A missão não é um exercício de poder; o poder cria dominação, uniformidade, despersonalização e submissão. O poder do testemunho e do serviço não domina, nem impõe, pune, condena ou excomunga, mas acompanha e encanta, cria liberdade e unidade na diversidade e igualdade, comunhão autêntica. É claro que, apresentado dessa forma, alguns podem apontar que é necessário não perder de vista o fato de que a missão também tem um conteúdo que deve ser apresentado e que aqueles que afirmam seguir Jesus e se dizem cristãos devem aceitar. E assim é: a missão não se esgota na ação humanitária que busca resolver os problemas de convivência social e as decisões de ordem.

O Reino de Deus é também o Reino da Verdade. Em Jesus nos é apresentada a verdade de Deus e a verdade do homem, a missão a serviço do Reino não renuncia a essa verdade, muito menos a negocia, o testemunho missionário inclui o testemunho da Verdade, Cristo (Jo 14,6). A liberdade autêntica nos é dada nessa verdade (Jo 8,31-38). No entanto, sempre será necessário evitar a tentação do legalismo, entendido como a ânsia de propor o caminho da fé como o mero cumprimento de leis e normas. Jesus não renega as normas morais da fé, a novidade em Jesus surge na primazia do mandamento do amor, que completa a lei, superando a compreensão desta como uma mera sequência de proibições e indicações para se tornar a proposta exigente e libertadora de viver na fidelidade a Deus e na comunhão com os irmãos. Em Jesus, isso não é apenas um discurso, é seu modo de vida, e nosso discipulado missionário implica assumir a mesma forma.

Manifestação do Reino: transformação social

Uma característica do Reino de Deus que Jesus proclama é sua realização real e permanente: ele não anuncia uma utopia, mas uma realidade que ele torna presente (Mt 11,3-5) (Lc 17,21). Deus entrou na história humana ... que mudou de cor e de perspectiva ... o mundo não acabou, mas o mundo velho se transformou em um novo. Jesus se revela como o mesmo Deus sob a condição humana: o esperado das nações, o salvador do mundo. Ele é a ponte entre Deus e a pessoa humana, participando de forma extraordinária de um modo de ser Deus que compartilha conosco Sua decisão de ser homem. Quando Jesus anuncia a inauguração desse novo mundo, ele sempre o faz em termos de alegria e esperança. É por isso que Jesus se identifica como o Messias prometido na história de seu povo: sua missão é inaugurar o cumprimento da promessa de Deus às pessoas e ao mundo, e mostrar, por meio de sua humanidade, a direção que aponta o caminho para a felicidade plena. Sempre que Jesus nos fala sobre o Reino, ele nos envolve como atores indispensáveis em sua realização, porque Deus espera o consentimento de nossa liberdade e nos convida a nos sentirmos felizes por isso: participar da expansão do Reino de Deus é a nossa maneira de nos aproximarmos Dele e alcançarmos a dignidade com a qual fomos criados. Jesus anuncia e convoca ao mesmo tempo: todo anúncio é um chamado à mudança; ele nos chama à conversão como libertação da escravidão e do cativo que nos paralisam (Mc 1,15).

Uma compreensão adequada da pessoa

Até este ponto, insistimos na dimensão histórica do Reino de Deus, e não poderíamos fazer outra coisa, mas o Reino de Deus em si é muito mais do que uma resposta a qualquer situação de injustiça e desordem na convivência. O Reino de Deus é “salvação”, assim notamos que, para evitar certo pragmatismo social ou cultural, ou nos submetermos a uma interpretação ideológica, temos a obrigação de parar e refletir sobre a dimensão transcendente do Reino de Deus, a salvação nos projeta para Deus, para a Vida Eterna, as respostas e compromissos cristãos no tempo, coerentemente com o Evangelho, vão além da única projeção histórica para alcançar a plenitude da vida para sempre. Para abranger essa dimensão, faremos uso de algumas considerações sobre a compreensão do mistério da pessoa humana. Ou seja, um breve desenvolvimento antropológico que inclui a transcendência da qual somos capazes e evita a tentação do imediatismo. Elencamos alguns princípios muito básicos.

1. Deus revela a si mesmo. Nossa compreensão da pessoa humana tem como ponto de partida a revelação do Deus Trindade revelado em Cristo. Isso quer dizer que, se quisermos conhecer a pessoa humana, devemos nos voltar para a revelação. Descobrimos quem somos à luz de Jesus Cristo, o revelador de Deus. O Concílio Vaticano II ressalta que Cristo, na revelação do Pai e de seu amor, revela plenamente o homem ao próprio homem e lhe dá a conhecer sua mais alta vocação (cf. GS 22). Como destinatário da revelação, o ser humano é o objeto da revelação. Como destinatário do amor do Pai, o homem chega a saber até o fim quem ele é. Nesse sentido, a antropologia teológica, sempre em diálogo com a filosofia e as ciências que contribuem com seu conhecimento, contempla tudo isso a partir de um ponto de vista condicionante: a relação do homem com Deus, porque a consideramos a dimensão mais profunda do nosso ser e nos permite reconhecer-nos como objeto privilegiado do amor de Deus e a única criatura na terra que Deus quis para si (GS 24), e é chamada à comunhão de vida com o próprio Deus Trindade.
2. O que é próprio desse entendimento do ser humano, que nos é dado a conhecer em Jesus, é o relacionamento de amor e paternidade que Deus pretende estabelecer com todos os seres humanos em Jesus, seu Filho. Somos chamados pela graça para sermos filhos, para participarmos do Espírito Santo na relação própria apenas de Jesus, o Filho.
3. Esse chamado e esse dom pressupõem nossa liberdade. Nossa existência nos é dada por Deus, que nos cria a fim de nos chamar à graça da comunhão com Ele. Temos nossa própria consistência, não sem relação com o Criador, de quem tudo nos é dado, e essa consistência é necessária para que seja feito o chamado, que é dirigido a cada um de nós.
4. Somos marcados pela experiência do pecado. Criados por amor, nem sempre respondemos com amor; em graus variados, somos capazes de responder a Deus não apenas com indiferença, mas também com uma rejeição explícita a Deus. Essa é uma dimensão negativa, pois não deveria ser, porque é destrutiva para a própria pessoa humana, mas faz parte da existência. E não podemos ignorá-la, especialmente porque o Novo Testamento nos ensina que o amor de Deus, manifestado em Cristo, torna-se perdão e misericórdia, aceitação do pecador e justificação.
5. Por meio de sua morte e ressurreição, Cristo venceu o pecado e a morte. E nossa inserção nele por meio do batismo é um evento decisivo em cada um de nós. Por meio dele, existimos na fé, na esperança e na caridade.

6. Nossa própria condição de criaturas inclui uma vocação social, estamos em uma relação, somos capazes de ser solidários.
7. O mundo inteiro ao nosso redor, no qual nos movemos e existimos, também é obra de Deus.
8. Nossa vocação final é o estado de integridade pela graça de Deus.
9. Nós somos um corpo. Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem “eu tenho o meu corpo”; na realidade, não se trata de ter um corpo como posse, mas de nos reconhecermos como um corpo e, de fato, somos um corpo na medida em que estamos no mundo; o mundo não é para nós uma mera circunstância de lugar, mas um elemento constitutivo; estamos no tempo, justamente por sermos corpo estamos imersos na dimensão temporal de duração contínua e sucessiva, o que nos leva a pensar em nossa condição itinerante e peregrina, na qual nos cabe aprender, corrigir, converter e arrepender; somos mortais, a morte nos des-munda e des-temporaliza, nos retira da esfera temporal que nos constitui. Nesse sentido, a morte indica o fim das dimensões constitutivas do corpo, do mundo e do tempo, o que nos faz pensar que devemos levá-la muito a sério; somos sexuados, fica claro na concepção do ser humano oferecida nas histórias da criação que somos realizados na polaridade complementar de macho e fêmea. Essa diferenciação sexual, implícita na corporeidade, confere ao ser humano uma dupla tonalidade afetiva, um duplo modo de instalação humana e de relação social correlativamente diferente, porque na sexualidade do homem é projetada sua maneira de estar no mundo; somos uma expressão comunicativa, por meio do corpo nos dizemos, o corpo é a mediação de todo encontro, especialmente o rosto, que, como alguém disse, é o lugar onde, por excelência, a natureza se torna porosa à pessoa; somos históricos e criativos, a historicidade, como estrutura transcendental do homem, abre-o a um compromisso dentro da história na qual ele deve projetar sua existência, pessoal e comunitariamente.
10. Nós somos a alma. Esse conceito antropológico expressa a singularidade do ser humano e sua abertura constitutiva a Deus, por trás da qual está a categoria bíblica da imagem de Deus. Em virtude de nossa natureza criada, estamos em posição de encontrar Deus.

A pessoa é o dom e o mistério que cada um é para si mesmo e para os outros.

Para Jesus, o Reino de Deus é a maneira pela qual Deus manifesta sua ação em meio à história. Dessa forma, o Reino de Deus é uma mensagem de força no presente e de esperança no futuro para os pobres, os famintos, os aflitos: para todos os desafortunados. O Reino de Deus se traduz em atitudes de acolhimento para os pecadores, respeito e reivindicação para as mulheres estigmatizadas, cura para os doentes, libertação dos “espíritos imundos”. Uma manifestação histórica do Reino do Pai é a fraternidade entre os seres humanos. Aceitar a salvação em Deus Pai coloca a vida humana sob o paradigma real da misericórdia, que não é um sentimento, mas uma atitude fundamental, a misericórdia “feita” na vida cotidiana.

Outra consequência do anúncio do reino é a capacidade de ser inclusivo. Isso deriva da prática do próprio Jesus, que não busca a renovação de Israel por meio de um reforço das leis de pureza, mas anunciando a proximidade de um Deus misericordioso. O que nos ajudaria a chegar a essa convicção? Como podemos comunicar que o Reino de Deus está entre nós e começa aqui e agora? O Reino de Deus está no coração humano, o que nos ajudaria a descobri-lo?

Opção preferencial pelos pobres como uma categoria teológica

Em nossa última seção, gostaríamos de nos deter em um assunto que é sempre controverso, porque presumimos que ele nos desafia e nos deixa desconfortáveis. Em uma mesma experiência comunitária concreta, encontramos diferentes pontos de vista e entendimentos. No início deste capítulo, observamos que os interlocutores do anúncio e, podemos dizer, da vida de Jesus, são os pobres. Por isso que nos sentimos obrigados a parar e refletir sobre esse aspecto.

No Documento de Puebla, podemos ler:

“A grande maioria de nossos irmãos continua a viver em uma situação de pobreza e até mesmo de miséria, que se agravou ... (DP 1135); faltam-lhes os bens materiais mais elementares, em contraste com a acumulação de riqueza nas mãos de uma minoria ... Os pobres não só carecem de bens materiais, mas também, em nível de dignidade humana, carecem da plena participação social e política” (DP 297) “O compromisso evangélico da Igreja, como disse o Papa, deve ser como o de Cristo, um compromisso com os mais necessitados ... Só por isso, os pobres merecem atenção preferencial, qualquer que seja sua situação moral ou pessoal” (DP 1141).

A opção pelos pobres é exigida pela situação de injustiça institucionalizada em que vivemos, como disseram os Bispos de Puebla. Já antes, na Conferência de Medellín, falou-se de “violência institucionalizada” (DM 16), e o Papa João Paulo II, em sua homilia no Santuário de Zapopán, no México (1979), referiu-se às “estruturas de pecado”.

A opção preferencial é dirigida aos pobres na medida em que eles são pobres, porque, como diz João Paulo II, os pobres são os preferidos de Deus, que enviou seu Filho pobre e constituiu sua Igreja tendo em vista a humanidade pobre e necessitada. A opção preferencial pelos pobres é uma atitude obrigatória de todo cristão e também da Igreja como um todo.

A racionalidade pura de uma ética atual exige uma opção pelos oprimidos mesmo sem referência explícita ao Evangelho. É errôneo pensar que a opção pelos oprimidos só pode se basear no Evangelho, o que tem levado muitos a perder a fé. Além disso, a concretização da opção pelos pobres em um determinado momento histórico requer, para se tornar operativa, as ciências sociais e as situações em cada uma delas. Isso significa que a opção pelos oprimidos deve ser iluminada pela luz e pelo poder do Evangelho,

Os Bispos continuam descrevendo os rostos concretos em que se expressa “a situação de pobreza extrema generalizada” (DP 31), como segue: crianças atingidas pela pobreza antes de nascer, jovens frustrados em áreas rurais e suburbanas, indígenas marginalizados e vivendo em situações desumanas, camponeses sem terra e explorados, trabalhadores mal pagos e sem direitos, marginalizados urbanos diante da ostentação da riqueza, idosos esquecidos e abandonados ... (DP 32-39); (DP 32-39). Esses rostos concretos expressam “a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos”, que é julgada como “o flagelo mais devastador e humilhante” (DP 29). A pobreza não é mera carência, não é mera dificuldade de administrar

a vida, mas dificuldade de viver causada por outros e acrescida de ignomínia introduzida por outros. A pobreza, então, é pecado, “clama aos céus” (DM, I Justiça), “é contrária ao plano do Criador e à honra que merece” (DP 28).

Da mesma forma, ele aponta para a crescente lacuna entre ricos e pobres: “A verdade é que a lacuna entre os muitos que têm pouco e os poucos que têm muito está se tornando cada vez maior” (DP 2). Portanto, a pobreza não é apenas uma carência de vida, não é apenas uma carência de vida injusta causada por opressores, mas é também a negação formal e mais radical da fraternidade, do ideal do reino de Deus. Como as raízes da opressão são estruturais, essa pobreza, histórica e dialética, torna-se maciça e duradoura; ela não é acidental e exige mudanças profundas nas estruturas (DP 30). Certamente encontraremos os pobres em nossas experiências missionárias. Portanto, é importante que nos conscientizemos sobre o porquê a situação dos pobres é mundial e para onde iremos em missão. Encontraremos pessoas e comunidades pobres. Eles são nossos irmãos e irmãs empobrecidos.

A opção preferencial pelos pobres continua presente na reflexão da América Latina e do Caribe, e a encontramos no Documento de Aparecida no parágrafo 391 e seguintes.

III. CONCLUSÃO

Gustavo Gutiérrez (2007) nos mostra como a vida dos pobres é uma situação de fome e exploração, de assistência médica insuficiente e falta de moradia digna, de difícil acesso à educação escolar, de baixos salários e desemprego, de luta por seus direitos e repressão. Mas não é só isso, segundo o autor, ser pobre é também uma forma de sentir, de conhecer, de raciocinar, de fazer amigos, de amar, de acreditar, de sofrer, de celebrar, de rezar. Por que escolher os pobres?

Qual deve ser nossa atitude? Como podemos dialogar com eles sobre os direitos humanos e os direitos da criação? O que nos ajudaria a aprofundar nossa preparação? Como podemos nos abrir para aprender com eles, que pequenas coisas podemos dar para despertar sua consciência, valorizar seus esforços de organização e compromisso para reivindicar seus direitos, valorizar sua cultura? Eles são nossos irmãos e irmãs.

FOLHA 3: O REINO COMO HORIZONTE DE MISSÃO

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”*. Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA TERCEIRA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Refletir sobre o Reino de Deus como horizonte da Missão, considerando que essa é a principal mensagem da Pessoa de Jesus, para que nossa ação missionária seja um seguimento Dele, especialmente entre os mais pobres.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso

Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
Que revelaste em teu Filho a Boa Nova,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e ações;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de
batizados
para dar um novo impulso à nossa ação
missionária
proclamando, como eles, a alegria do
Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para
**RENOVAR A FACE DA TERRA,
FERIDA PELA INJUSTIÇA E PELO
SOFRIMENTO;**
dê-nos força para caminhar, como povo de
Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
que sejamos sempre teus discípulos
missionários
até os confins da terra.

Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

Lc 4,14-21

Jesus voltou para a Galileia no poder do Espírito, e sua fama se espalhou por toda aquela região. Ele ensinava nas sinagogas dos judeus, e todos o elogiavam.

Ele chegou a Nazaré, onde havia sido criado, e no sábado foi à sinagoga, como era seu costume. Ele se levantou para fazer a leitura, e o livro do profeta Isaías foi entregue a ele. Jesus desenrolou o livro e encontrou a passagem em que estava escrito:

O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me ungiu para levar boas novas aos pobres, para proclamar liberdade aos cativos e aos cegos que logo verão, para libertar os oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor. Jesus, então, enrolou o livro, entregou-o de volta ao atendente e sentou-se, enquanto todos os presentes mantinham os olhos fixos nele. E começou a dizer-lhes: "Hoje, se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura".

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

O que é decisivo no cristianismo é a pessoa de Jesus Cristo. Para Jesus, o Reino de Deus é o que acontece quando Deus reina em vez de qualquer outro poder. Isso significa que a paz, a justiça e o amor reinam entre as pessoas e na natureza. Um reino de justiça e serviço que deve crescer no meio das pessoas e do mundo. A missão começa com esse olhar contemplativo que nos permite descobrir os sinais do reinado de Deus presentes no mundo e aquilo que se opõe a esse reinado.

Quando Jesus indica que seu reino não é deste mundo, ele não o faz para nos distanciar dele, mas para descobrir que a lógica de sua ação é diferente. Sua lógica é a verdade: "Eu vim para

ser testemunha da verdade". Uma verdade que supera os legalismos, as falsidades, o ódio, a violência, a exclusão e todos os tipos de males que afastam o ser humano daquilo que não lhe permite viver sua realidade mais profunda: "feito à sua imagem e semelhança" (Gn 1,26). Um reino que busca libertar as pessoas de tudo o que as desumaniza e as faz sofrer, que responde ao que elas mais desejam: viver em dignidade ... Sempre que Jesus nos fala sobre o Reino, ele nos envolve como atores indispensáveis em sua realização e nos convida a nos sentirmos felizes por ele.

Um Reino que reconhece a pessoa humana em seu centro, no qual uma semente é lançada e se torna tão grande que milhares de pássaros vêm se abrigar em seus galhos (Mt 13,31-32). Quem rega essa semente é o Espírito que derrama amor no solo de nosso coração. Um Reino em que Deus manifesta sua ação em meio à história. Uma mensagem que dá força no presente e esperança para o futuro, especialmente para os pobres, os famintos, os aflitos: para todos os desafortunados. Onde a opção preferencial pelos pobres está presente. Pobreza, na maioria das vezes, causada por outros; pecado, que "clama ao céu" (Medellín, Justiça 1), "contrário ao plano do Criador e à honra que merece" (Puebla 28).

Certamente encontraremos os pobres em nossas experiências missionárias. Portanto, é importante que nos conscientizemos sobre o porquê a situação dos pobres é mundial e para onde iremos em nossa missão. Encontraremos pessoas e comunidades pobres. Eles são nossos irmãos e irmãs empobrecidos. Qual deve ser nossa atitude? Eles são nossos irmãos e irmãs.

VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. Que lugar o tema do Reino de Deus ocupa em nossa reflexão e ação missionária?

2. Os pobres são o objeto de nossa reflexão e ação? Que elementos refletem essa escolha ou não escolha em nossa comunidade ou grupo apostólico?

3. Que processos de discernimento ocorrem em nosso espaço de reflexão e ação missionária em que o dinamismo da unção e do espírito de envio está presente?



VII. SÍNTESE COMPARTILHADA

Propostas e desafios para atender à missão ad gentes da América

1. Que desafios são apresentados pelo tema do Reino de Deus e pela opção pelos pobres em nível de nossas comunidades e em vista da missão ad gentes?

2. Que propostas de reflexão e ação missionária consideramos oportunas para dar um novo impulso à missão ad gentes em nossa Igreja?

VIII. ORAÇÃO MARIANA

Casamento em Cana

“Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e seus discípulos também foram convidados para o casamento. E, como não havia vinho, porque o vinho do casamento tinha acabado, sua mãe disse a Jesus: ‘Eles não têm vinho’” (Jo 2,1-3).

O ministério de Jesus começa em uma festa em que o vinho está faltando. O próprio Jesus compara o Reino a uma festa de casamento. A ação de Maria permite que o banquete continue. Peçamos a Maria que interceda para que todos os homens e mulheres possam participar do banquete do Reino de Deus.

Ave Maria

*Ave Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco,
bendita sois vós entre as mulheres
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
Santa Maria, Mãe de Deus,
rogai por nós pecadores,
agora e na hora da nossa morte.
Amém.*





TEMA 4

AS TESTEMUNHAS DE CRISTO EM UM CONTEXTO DE DIFERENÇAS

TEMA 4

AS TESTEMUNHAS DE CRISTO EM UM CONTEXTO DE DIFERENÇAS

I. INTRODUÇÃO

Neste tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar e meditar sobre o significado do convite que nos é feito no CAM6 **para sermos testemunhas da pessoa de Jesus em meio a um mundo caracterizado pela diversidade cultural, social, religiosa, econômica e política.**

Nesta experiência do CAM6, desejamos dar um novo **impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.**

II. DESENVOLVIMENTO

As Testemunhas de Cristo

João Batista foi a primeira testemunha de Cristo. Ele foi o precursor que preparou o caminho para a vinda do Senhor em cumprimento às profecias do Antigo Testamento (Is 40,3-5; Ml 3,1). O próprio João Batista foi mencionado por Jesus quando disse que ele era o porteiro que abriria a porta para o verdadeiro Pastor das ovelhas (Jo 10,1-3). Podemos reconhecer que João Batista é abraçado pela missão de Deus expressa em eventos e vocações que fazem parte da caminhada histórico do povo de Deus. Em Jesus, a revelação e a missão atingem seu clímax.

Os discípulos, tendo vivido tão perto de Jesus e tendo-o encontrado novamente após a ressurreição, são enviados por ele para dar seu testemunho. Maria Madalena é enviada para “ir até os irmãos” e anunciar a ressurreição a eles. As mulheres a quem o Ressuscitado aparece, vão a comunicar aos apóstolos que o viram. Em várias ocasiões, Jesus ressuscitado se faz presente no meio de seus discípulos: no caminho de Emaús (Lc 24,13ss), quando estão reunidos no cenáculo (Jo 20,19ss), junto ao lago (Jo 21,1ss). A partir desses encontros com a palavra de Jesus, os discípulos são agora acolhidos pela mesma missão.

Serão os apóstolos que proclamarão o evangelho ao mundo todo, batizando e ensinando. Com efeito, receberam a tarefa de evangelizar. Assim, toda a Igreja, nascida da Páscoa de Cristo, é inserida na mesma missão. No Evangelho de Lucas, encontramos no relato da Ascensão, Jesus que envia seus discípulos a pregar “em seu nome a conversão e o perdão dos pecados” (Lc 24,47). No testemunho de Mateus, pouco antes da Ascensão, Jesus assegura aos apóstolos que permanecerá com eles até o fim do mundo (Mt 28,30).

Nós também, os batizados, recebemos esse convite do Senhor para proclamar o Evangelho por meio da palavra e do testemunho de vida ao longo dos séculos. A Igreja, da qual fazemos parte por meio do batismo, dá testemunho de Jesus, até o ponto de dar a vida por ele.

As testemunhas, homens e mulheres, experimentam a transformação de suas próprias vidas pela

ação do Espírito, são receptivas no sentido de estarem dispostas e abertas à graça, e movidas pela mesma graça doam suas próprias vidas. Chamados a ser testemunhas de Jesus, a Boa Nova para a humanidade, nós nos exercitamos no conhecimento constante do testemunho das escrituras e da vida das comunidades. Nesse sentido, conhecemos abundantes experiências missionárias em nosso continente, onde o testemunho e a doação de vida nos estimulam a aprofundar nosso conhecimento e gratidão por eles. Nelas, aprendemos que a coerência entre o conteúdo do anúncio e o modo de vida é a melhor expressão missionária.

No processo que vivemos rumo ao CAM6¹⁰, tivemos o testemunho vivo de missionários em diferentes regiões do mundo que nos deram as chaves para entender a missão hoje em todo o mundo. Espera-se que esta reflexão nos incentive a buscar e conhecer o testemunho dos mártires em cada continente.

Contexto de diferenças: pluriculturalidade e interculturalidade

A pluralidade de formas e experiências culturais que coexistem na complexa teia da vida dos povos nos leva à necessidade de nos perguntarmos como é a missão. O cenário intercultural favorece o intercâmbio de diferentes visões de mundo e o desenvolvimento de processos que podem romper as barreiras da comunicação e diminuir as lacunas sociais, econômicas e outras. Neste ponto, assumimos que estamos lidando com um fenômeno complexo que, por si só, envolve diferentes fatores. Não pretendemos aqui desenvolver uma análise aprofundada da realidade intercultural, reconhecendo a necessidade de um exercício constante de observação e

reflexão.

Parece oportuno recordar a constante exortação do Papa Francisco que nos convida a enxergar “os sinais dos tempos” na perspectiva do discernimento evangélico. Ou seja, a vontade de examinar a realidade que nos rodeia à luz dos princípios e do modo de vida formulados pelo Evangelho e pelo Espírito que o anima (cf. FRANCISCO, Carta Apostólica Misericordia et misera, 20 de novembro de 2016).

A realidade de nosso continente

Nosso continente americano é um verdadeiro mosaico geográfico, cultural, social, político e econômico. A variedade de situações mostra uma clara riqueza de recursos que nem sempre são distribuídos de forma justa. Como em outros continentes, é fácil observar o fenômeno progressivo da urbanização, que está causando uma verdadeira transformação cultural e social, desafiando os modelos de evangelização. Em termos de inter-relação de pessoas, grupos étnicos, organizações e Estados, é possível identificar uma pluralidade que nem sempre manifesta experiências favoráveis à dignidade das pessoas: fragmentação social, escândalos de diferentes tipos, enfraquecimento das instituições, aumento da violência, tráfico de drogas e crime organizado são algumas das experiências mais fortes. Destaca-se a mudança significativa na integração das famílias, bem como o crescente fenômeno da migração e a acentuação da pobreza.

Essa breve visão geral das Américas reflete as tendências regionais (desigualdade, violência, impunidade, empoderamento do cidadão, alternância política, indignação e organização social), mas ao mesmo tempo nos mostra as diferenças muito marcantes entre os países e entre as regiões dentro dos mesmos países.

¹⁰ No Pré-Simpósio e nas duas partes (virtual e presencial) do Simpósio Internacional de Missiologia (2022 e 2023), foram buscados testemunhos vivos de diferentes experiências missionárias.

O fenômeno da globalização

A realidade e a consciência de que fazemos parte de um único planeta estão se tornando cada vez mais fortes e evidentes. O fenômeno da globalização é essa “teia de relações em nível planetário”, que é **“um sinal de sua profunda aspiração à unidade”**¹¹. Estamos em um mundo globalizado. Isso pode levantar algumas questões sobre como estamos inter-relacionados nos níveis econômico, social, político e outros. Situações que podem ocorrer em um lado do mundo, em uma região talvez desconhecida, hoje em dia nos tocam, nos afetam e nos desafiam do outro lado do mundo.

Eventos como a pandemia (devido à COVID-19) ou a guerra na Ucrânia, ou fenômenos como as migrações em vários continentes, a busca pela redução das desigualdades entre os países, a crescente conscientização sobre a situação da pobreza, as repercussões diante das mudanças climáticas, marcam e nos afetam fortemente.

Nossa vocação a serviço do bem comum e nossa fidelidade à missão nos levam a assumir uma atitude responsável de “saída”, servindo às causas comuns a toda a família humana: “... a Igreja está em Cristo como sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano ... As condições destes tempos acrescentam a esse dever da Igreja uma urgência maior, para que todos os homens, unidos hoje mais intimamente por todos os tipos de relações sociais, técnicas e culturais, possam também alcançar a plena unidade em Cristo”¹².

Nossa pertença à missão nos convida a percorrer o caminho, como povo de Deus, abertos ao encontro e à cooperação fraterna com todos aqueles, crentes ou não, que estão

11 Bento XVI. Discurso Inaugural de Sua Santidade em Aparecida. 13 de maio de 2007.

12 LG 1

comprometidos com a transformação de toda a realidade, caminhando em direção a uma vida plena para todos.

III. CONCLUSÃO

Tendo considerado a força do testemunho, a realidade da pluriculturalidade e da interculturalidade e uma observação superficial da realidade continental e global, ousamos nos concentrar no que pode ser uma possível resposta.

Evolução na compreensão e na prática missionária: contribuições dos institutos missionários

No processo que antecedeu o VI Congresso Americano Missionário¹³, os Institutos de Formação Missiológica deram valiosas contribuições sobre o caminho a ser seguido nessa consciência missionária da Igreja. Reunimos algumas de suas preocupações e desafios: formação profissional de agentes pastorais, compartilhamento de projetos e experiências missionárias locais que possam ajudar em nível internacional, projetos concretos decorrentes dos Congressos, maior uso do mundo virtual para a evangelização, entre outros desafios.

Além disso, recomendaram ampliar a visão e a consciência da identidade missionária, integrando a contribuição das disciplinas do conhecimento na reflexão, criando uma comunicação que transcenda as fronteiras, promovendo a solidariedade internacional e unindo esforços, recursos e vontades para enriquecer a vida eclesial. Como desafios e propostas, destacam-se os seguintes:

- Encontrar e abraçar a realidade da Igreja na

13 Simpósio Internacional de Missiologia (primeira parte realizada virtualmente em novembro de 2022)

- América do Norte;
- Preparar missionariamente e missiologicamente um número significativo de agentes que possam ter um impacto no trabalho pastoral no continente;
 - Abrir mais e melhores canais de comunicação para conhecer a realidade das igrejas irmãs;
 - Estabelecer planos de treinamento concretos e reais, incluindo experiências missionárias.

Testemunhas de Cristo no diálogo inter-religioso

Consideramos apropriado lembrar aqui os princípios delineados pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso¹⁴ que podem servir de guia para a conscientização missionária:

“Em seu compromisso de cumprir o mandato de Cristo de maneira apropriada, os cristãos são chamados a aderir aos seguintes princípios, especialmente em contextos inter-religiosos.

1. **Agir no amor de Deus.** Os cristãos acreditam que Deus é a fonte de todo amor e, conseqüentemente, em seu testemunho, são chamados a viver vidas marcadas pelo amor e a amar o próximo como a si mesmos (cf. Mt 22,34-40; Jo 14,15).
2. **Imitar a Jesus Cristo.** Em todos os aspectos da vida, e especialmente em seu testemunho, os cristãos são chamados a seguir o exemplo e os ensinamentos de Jesus Cristo, compartilhando seu amor, dando glória e honra a Deus Pai, no poder do Espírito Santo (cf. Jo 20,21-23).

¹⁴ Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso. Testemunho cristão em um mundo multirreligioso: Recomendações de conduta (2011). Em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20111110_testimonianza-cristiana_sp.html.

3. **Virtudes cristãs.** Os cristãos são chamados a se comportar com integridade, caridade, compaixão e humildade, e a superar toda arrogância, condescendência e desprezo (cf. Gl 5,22).
4. **Atos de serviço e justiça.** Os cristãos são chamados a praticar a justiça e a amar com ternura (cf. Mq 6,8). Eles também são chamados a servir aos outros e, ao fazê-lo, a reconhecer Cristo no menor de seus irmãos e irmãs (cf. Mt 25,45). Atos de serviço, como oferecer educação, assistência médica, cuidados primários e atos de justiça e defesa pública são parte integrante do testemunho do Evangelho. Tirar proveito de situações de pobreza e necessidade não tem lugar no trabalho missionário. Os cristãos devem denunciar e abster-se de recorrer a qualquer tipo de sedução, inclusive incentivos e recompensas financeiras, em suas ações de serviço.
5. **Discernimento nos ministérios de cura.** Como parte integrante de seu testemunho do Evangelho, os cristãos exercem ministérios de cura. Eles são chamados a exercer o discernimento ao realizar esses ministérios, com total respeito pela dignidade humana e assegurando que a vulnerabilidade e a necessidade de cura das pessoas não sejam exploradas.
6. **Rejeição da violência.** Os cristãos são chamados em seu testemunho a rejeitar todas as formas de violência, inclusive a violência psicológica e social, o abuso de poder. Também rejeitam a violência, a discriminação injusta ou a repressão por parte de qualquer autoridade religiosa ou secular, inclusive a violação ou destruição de locais de culto e de símbolos ou textos sagrados.
7. **Liberdade de religião e crença.** A liberdade religiosa, que inclui o direito de professar, praticar, propagar e mudar publicamente de religião, deriva da própria dignidade da

pessoa humana, fundamentada na criação de todos os seres humanos à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26). Portanto, todos os seres humanos são iguais em direitos e responsabilidades. Onde quer que uma religião seja instrumentalizada para fins políticos ou onde ocorra perseguição religiosa, os cristãos são chamados a se engajar em um testemunho profético, denunciando tais coisas.

8. **Solidariedade e respeito mútuo.** Os cristãos são chamados a se comprometerem a trabalhar com todas as pessoas em respeito mútuo, promovendo conjuntamente a justiça, a paz e o bem comum. A cooperação inter-religiosa é uma dimensão essencial desse compromisso.
9. **Respeito por todas as pessoas.** Os cristãos reconhecem que o Evangelho desafia e enriquece as culturas. Mesmo quando o Evangelho desafia certos aspectos das culturas, os cristãos são chamados a respeitar todas as pessoas. Os cristãos também são chamados a discernir os elementos de sua própria cultura que são desafiados pelo Evangelho.
10. **Renúncia ao falso testemunho.** Os cristãos devem se expressar com sinceridade e respeito; devem ouvir para conhecer e entender as crenças e práticas dos outros; são incentivados a reconhecer e apreciar o que há de verdadeiro e bom neles. Quaisquer comentários ou críticas devem ser feitos em um espírito de respeito mútuo, tomando cuidado para não prestar falso testemunho sobre outras religiões.
11. **Garantir o discernimento pessoal.** Os cristãos devem reconhecer que a mudança de religião é um passo decisivo que deve ser acompanhado de tempo suficiente para reflexão e preparação adequadas, por meio de uma caminhada que garanta total liberdade pessoal.

12. **Construir relações inter-religiosas.** Os cristãos devem continuar a construir relacionamentos de respeito e confiança com pessoas de diferentes religiões para facilitar o entendimento mútuo mais profundo, a reconciliação e a cooperação para o bem comum.

Concluimos nosso tema com o seguinte desafio: Como podemos conhecer a diversidade cultural, social, religiosa, econômica e política em nossa própria terra e a influência global em nosso país e nos países para onde vamos como discípulos missionários e testemunhas de Cristo?



FOLHA 4: AS TESTEMUNHAS DE CRISTO NO CONTEXTO DAS DIFERENÇAS

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DA CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”*. Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos ...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA QUARTA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Refletir sobre o convite do VI Congresso Americano Missionário para sermos testemunhas da pessoa de Jesus em meio a um mundo caracterizado pela diversidade cultural, social, religiosa, econômica e política.

Essa reunião nos convida a refletir sobre a maneira pela qual a ação missionária deve ser realizada.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
que revelaste a “Boa Nova” em teu Filho,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e ações;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de
batizados
para dar um novo impulso à nossa ação
missionária
proclamando, como eles, a alegria do Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar a
face da Terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
**DÊ-NOS FORÇA PARA CAMINHAR, COMO
POVO DE DEUS,
EM SINODALIDADE E ESCUTA MÚTUA,**
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
**TESTEMUNHANDO JUNTOS O AMOR QUE
VENCE O MUNDO.**

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
que sejamos sempre teus discípulos missionários
até os confins da terra.

Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

1Jo 1,1-13

“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e tocamos com as nossas mãos, a respeito da Palavra da Vida, pois a Vida foi manifestada, e nós a vimos, e damos testemunho e proclamamos a vocês a Vida eterna, que foi convertida ao Pai e nos foi manifestada - o que vimos e ouvimos, nós o proclamamos a vocês, para que vocês também possam estar em comunhão conosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”.

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

A missão pertence à própria natureza da Igreja. Proclamar a Palavra de Deus e dar testemunho ao mundo é essencial para todo cristão. Por meio das escrituras, descobrimos o testemunho sobre Cristo. Esse testemunho será o que Jesus convidará seus discípulos a compartilhar até os confins da terra. Nesse contexto, Jesus se apresenta como a Testemunha do Pai. Ele se apresenta como Misericordioso, Justo e Enviado.

Foi mencionado acima que os “confins da terra” podem ser entendidos no contexto de horizontes, fronteiras e periferias. O testemunho também implica o diálogo com outras pessoas de diferentes religiões e culturas. Em alguns contextos, viver e proclamar o Evangelho é difícil, dificultado ou até mesmo proibido. Entretanto, os cristãos receberam de Cristo o mandato de continuar a testemunhar fielmente Dele em solidariedade uns com os outros. O missionário é responsável por dar testemunho de Cristo e, portanto, é enviado pelo Espírito Santo para proclamá-Lo. É por isso que o missionário deve reconhecer que o Espírito sopra onde quer, como São Paulo descobriu no Areópago (At 17,16-34).

O convite para ser uma testemunha de Cristo também implica ter a capacidade de ver, ler e interpretar os “sinais dos tempos”. A proposta do Papa Francisco é o discernimento evangélico. No parágrafo 154 da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, ele diz o seguinte sobre a pregação: “a preparação da pregação transforma-se num exercício de discernimento evangélico, no qual se procura reconhecer - à luz do Espírito - um ‘apelo’ que Deus faz ressoar na própria situação histórica: também nele e através dele, Deus chama o crente”. Esse convite para reconhecer a voz de Deus em meio às diferenças nos desafia a não cair na exclusão ou mesmo na exclusividade, mas a sermos capazes de entrar em um diálogo que nos permita responder com um coração misericordioso e justo à realidade do mundo de hoje.

Nosso continente americano é um verdadeiro mosaico geográfico, cultural, social, político e econômico. A variedade de situações mostra uma clara riqueza de recursos que nem sempre são distribuídos de forma justa. Como em outros continentes, é fácil observar o fenômeno progressivo da urbanização, que está causando uma verdadeira transformação cultural e social que desafia os modelos de evangelização.

Ser uma testemunha de Cristo implica agir no amor de Deus, imitando Jesus Cristo por meio das virtudes, da caridade e da justiça. É viver o discernimento a partir da cura das feridas causadas pela divisão e pela violência. Ser testemunha é promover a liberdade de religião e trabalhar para cada pessoa com solidariedade e respeito, a fim de construir relacionamentos que tornem presente o Reino de Deus.

VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. Como entendemos o testemunho no mundo de hoje?

2. Para quem e onde estamos oferecendo o testemunho do Evangelho? Teremos que ampliar nossos horizontes, fronteiras e periferias?

3. Como temos vivido a missão por meio do diálogo inter-religioso? Que desafios e oportunidades temos encontrado?

VIII. ORAÇÃO MARIANA

Jesus dá testemunho de amor, fidelidade e obediência ao Pai, assim como Maria e João estão na mesma linha de testemunho diante do filho que dá a vida pela salvação do mundo. O contexto da ação de testemunho ocorre em um mundo que rejeitou a diferença e é hostil à diversidade. Invoquemos Maria para que, como ela, possamos permanecer fiéis em nosso testemunho.

Trecho da oração do Papa Francisco na Evangelii gaudium n.º 288

Maria: Vós, que permanecestes firme diante da Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.

Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados
para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.

Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga..
Amém.



TEMA 5
DISCÍPULOS
MISSIONÁRIOS:
INICIADOS E
ENVIADOS



TEMA 5

DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS: INICIADOS E ENVIADOS

I. INTRODUÇÃO

Nesse tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar nossa compreensão do **discipulado** e da **identidade missionária de toda a Igreja**.

Nesta experiência do CAM6, desejamos **dar um novo impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra**.

O Ressuscitado, em suas aparições aos discípulos após a Páscoa, deu-lhes uma única ordem: *“Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei”* (Mt 28,19-20). Essa é a versão de Mateus. Outros evangelistas apontam para a mesma tarefa, evidenciando, porém, outros aspectos. Mateus fala em “fazer discípulos” na forma imperativa. No texto grego mais próximo ao original, esse é o único verbo que aparece nesse modo. Os outros três verbos – ir, batizar, ensinar – são participios que acompanham a ordem principal “fazei discípulos” e que descrevem a *maneira como* a missão deve acontecer: andando, batizando, ensinando. Mas o coração da missão, seu objetivo, é *fazer discípulas todas as nações*.

II. DESENVOLVIMENTO

A missão não é proselitismo

Parece um programa de proselitismo, mas na realidade não é. Para entender o mandato missionário de Mateus, é necessário colocá-lo no contexto de seu Evangelho e o que ele quer dizer com “discípulo de Jesus”. O Papa Bento XVI, em Aparecida (2007), afirmou que a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração. O Papa Francisco reforçou isso ao afirmar que *“a comunidade dos discípulos de Jesus nasce apostólica, nasce missionária, não proselitista. O Espírito Santo a plasma em saída para que não fique fechada em si mesma, para que seja extrovertida, uma testemunha contagiosa de Jesus”* (Audiência Geral, 11/02/2023).

Efetivamente, se cruzarmos o texto de Mt 28,19-20 com a dificuldade da primeira comunidade em aceitar os não-judeus entre seus membros, testemunhada por Lucas nos Atos dos Apóstolos e por Paulo em suas cartas, percebemos que esse envio missionário não pode ser interpretado na ótica da conquista, e sim na ótica da abertura e da acolhida de todas as pessoas de todas as raças, culturas e etnias na comunidade cristã: ninguém pode ser excluído.

Mateus procura impulsionar sua comunidade a sair do comodismo, a não ter medo dos outros, a não se fechar em si e a não ter preconceitos com a diversidade. Os discípulos e as discípulas não estavam preparados para essa tarefa: para eles as promessas messiânicas eram reservadas somente ao povo de Israel (At 1,6). Tiveram que aprender aos poucos, seguindo o Espírito que

abria caminhos, suas mentes e seus corações, que o Reino de Deus anunciado por Jesus era destinado a todos os povos e que o chamado a ser seus discípulos era dirigido a todas as pessoas.

Tudo começa com o encontro com Jesus

Em que consiste “ser discípulo” de Jesus? Para responder a essa pergunta precisamos percorrer o Evangelho, sobretudo a partir da catequese batismal do Discurso da Montanha (Mt 5-7), onde está descrita com precisão a proposta de Jesus e sua importância para toda a humanidade. Tudo começa com o encontro com Jesus que fala ao nosso coração (DAp 154), que “nos dá um novo horizonte de vida e, portanto, uma orientação decisiva” (DAp 243). Essa foi a dinâmica que encontramos já na história dos primeiros discípulos (cf. Jo 1,35-49). Esse encontro acontece concretamente através de uma pessoa, um amigo, um catequista, um missionário, através de uma comunidade cristã viva que reza, celebra, testemunha, evangeliza (DAp 256), através do contato com os pobres, os aflitos, os doentes, os marginalizados (DAp 257), meditando sobre a Sagrada Escritura, participando da liturgia, aproximando-se dos sacramentos e de mil outras maneiras que o Espírito nos proporciona, cativando-nos a prestar atenção, a parar nosso olhar, a nos encantar com algo profundo e emocionante que pode transformar nossas vidas.

Seguir Jesus é um processo e ocorre na missão.

Isso aconteceu com os primeiros discípulos no Mar da Galileia: eles eram pescadores que lançavam suas redes ao mar. Jesus passou por eles e disse: “*Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens*”. *Imediatamente* eles deixaram suas redes, seu barco e seu pai, e o seguiram (Mt 4,19-22).

A história continua: “*Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do reino e curando todas as doenças e enfermidades do povo*” (Mt 4,23) e os discípulos o seguiam. Não havia seminário, nem noviciado, nem casa de formação. A missão de Jesus é a própria escola do discipulado. É por isso que falamos de discípulos missionários, porque os seguidores de Jesus aprendem “missionando”, acompanhando e colaborando com Jesus em sua missão de anunciar o Reino de Deus.

Jesus propõe o projeto de um novo homem ao grupo que o segue na estrada. Também para o evangelista Lucas, essa jornada histórica de Jesus da Galileia a Jerusalém torna-se um caminho ideal, o “caminho dos discípulos” que seguem fielmente seu Mestre. O grupo de discípulos continuará essa jornada de Jerusalém até os confins da terra (cf. At 1,8).

A missão é apresentada, antes de mais nada, como uma forma concreta de aprender a “*assumir o modo de vida de Jesus, suas motivações, correr sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas*” (DAp 131). Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma: “*A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão assume essencialmente a forma de comunhão missionária*” (EG 23).

Aprender a tornar-se livre e pobre

Às vezes, porém, o encontro com Jesus não produz muito. Foi o que aconteceu com o jovem rico (Mc 10,17-22). Foi um encontro intenso e profundo, no qual Jesus olhou para o jovem com amor (Mc 10,21) e lhe deu uma missão: “*Vá, venda tudo o que você tem, dê aos pobres e depois*

venha e siga-me". Observe bem: o "vá" precede o "venha", o seguimento vem depois da missão. Nosso jovem, porém, foi embora triste, porque tinha muitos bens que o prendiam e o impediam de ser livre e disponível. Ele se fechou em si mesmo e não se abriu para o risco de seguir Jesus. Para que isso aconteça, o primeiro requisito é aprender a ser pobre: *"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus"* (Mt 5,3), diz a primeira bem-aventurança. Bem-aventurado é aquele que voluntariamente se faz pobre para enriquecer os outros, poderíamos dizer em outras palavras. É essa pobreza básica que torna o discípulo disponível para o Reino com plena confiança e coragem. O discípulo é, portanto, uma pessoa livre, fiel e generosa em seu serviço à comunidade e aos necessitados. Jesus não condena as riquezas em si: ele condena os ricos que acumulam riquezas apenas para si (Mt 19,24; 6,19), assim como condena a idolatria do dinheiro (Mt 6,24). Agora, se você tem, tem para partilhar, tem para oferecer um serviço, tem para dar sua vida e seus bens.

Nesse sentido, tornar-se pobre é o primeiro requisito para seguir Jesus, que "de rico que era, se tornou pobre" (2Cor 8,9). Esse é o passo fundamental da iniciação cristã que diz respeito ao segredo mais profundo da vida e ao significado mais esmerado da palavra "missão", conforme descrito no Documento de Aparecida:

A vida se acrescenta dando-a, e se enfraquece no isolamento e na comodidade. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam da margem a segurança e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais. O Evangelho nos ajuda a descobrir que o cuidado enfermizo da própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. Vive-se muito melhor quando temos liberdade interior para doá-la: "Quem aprecia sua vida terrena, a perderá" (Jo 12,25). Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão (DAP 360).

Esse propósito não se aplica apenas aos indivíduos. Aplica-se também às comunidades e também à Igreja como instituição. O Concílio Vaticano II declarou que *"a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até a morte"* (AG 5).

Assumir a cruz

A pobreza de que nos fala o Evangelho tem um sentido de despojamento interior e exterior. Significa tornar-se efetivamente pobre, comprometendo-se com uma vida sóbria e austera, compartilhando a vida dos mais necessitados (GE 70), tocando com mão a miséria humana, a carne sofredora dos outros (EG 270), aprendendo a olhar a realidade a partir do seu avesso, do ponto de vista das vítimas e dos crucificados da história, lutando para um mundo melhor para todos, vivendo intensamente o cotidiano das pessoas simples: *"à luz do Evangelho reconhecemos a imensa dignidade dos pobres e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre como eles e excluídos como eles"* (DAP 398).

Mas há também uma pobreza interior a ser aprendida, que se manifesta na ternura e na mansidão: *"Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra"* (Mt 5,4). Onde reinam o orgulho e a

vaidade, onde todos se julgam no direito de se elevar acima dos outros, onde há ódio e arrogância por toda parte, Jesus propõe aos seus discípulos que adotem outro estilo (GE 71): despojar-se do próprio ego, do próprio orgulho, e abrir espaço para a humildade, o que não significa renunciar à indignação, à coragem e à profecia, mas alimentar sempre uma atitude positiva de acolhida, de diálogo e de compreensão. Os mansos, diz o Evangelho, verão as promessas de Deus serem cumpridas e “possuirão a terra”. É isso que tentamos viver como discípulos de Jesus, e convidamos outras pessoas a fazer o mesmo.

As Escrituras não fazem apologia ao pobre e à pobreza. Elas condenam resolutamente toda situação de necessidade, injustiça e opressão. Jesus não ensina a suportar o mal, mas a lutar para vencê-lo. Para vencer o mal, é necessário enfrentá-lo e não fugir dele. O mundo ignora o sofrimento, foge de situações dolorosas, se esconde, encobre, dissimula. No entanto, a cruz nunca pode estar ausente! (GE 75). *“Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados”*, diz a terceira bem-aventurança. Aqueles que se compadecem com a angústia dos outros, aqueles que “choram com os que choram” (Rm 12,15), aqueles que tocam as feridas de seus irmãos e irmãs, aqueles que *“se deixam transpassar pela aflição e choram em seus corações, podem alcançar as profundezas da vida e ser verdadeiramente felizes”* (GE 76).

Enfrentar perseguições

Dessa forma, Jesus vai formando seus discípulos a participar da vida divina, a participar da missão de Deus. As bem-aventuranças continuam a proclamar felizes aqueles que têm fome e sede de justiça, aqueles que são misericordiosos, aqueles que são puros de coração – pois é do coração que procedem as nossas retas intenções – aqueles que promovem a paz e, finalmente, aqueles que são perseguidos por causa da justiça.

Não há como seguir Jesus sem perseguição. O Senhor instruiu longamente seus discípulos sobre as inevitáveis perseguições que os aguardavam (Mt 10,17-24): pois as Boas Novas aos pobres, anunciando a libertação dos prisioneiros, a recuperação da visão dos cegos, a libertação dos oprimidos e um ano de graça do Senhor (Lc 4,18), eram más notícias para os ricos e poderosos. Não espere quem proclamou de “depor os poderosos de seus tronos e elevar os humildes” (Lc 1,52), que alguém possa se alegrar com isso. Pelo contrário, os detentores do poder farão tudo o que estiver ao seu alcance para suprimir essa voz e essa ação de quem luta pela construção de uma sociedade mais justa e solidária. Ninguém abre mão de seus privilégios. Portanto, a perseguição sempre acompanhará a missão de Jesus e de seus discípulos. Elas também se tornam um critério de discernimento para a caminhada: se só estamos recebendo aplausos, algo está errado na ação evangelizadora; se não estamos incomodando as pessoas, significa que provavelmente estamos nivelando por baixo o Evangelho, adaptando-o aos gostos do mundo. Aclamações, elogios e cumprimentos são sempre uma tentação na caminhada dos discípulos!

Jesus nos convida a nunca desistir da profecia, da busca da justiça e da esperança para os pobres, porque *“se não houver esperança para os pobres, não haverá esperança para ninguém”* (PG 67; DAp 395). O Evangelho, a mensagem de Jesus, chama continuamente cada sociedade, cada história e cada cultura a uma conversão a partir de dentro (EN 19), mesmo procurando sempre uma interlocução dialógica, positiva, aberta e sem condenações.

Chamado a brilhar

“Vocês são a luz do mundo e o sal da terra” (Mt 5,13-14) diz Jesus a seus discípulos. Na realidade a verdadeira Luz é Ele, nós apenas somos chamados a refletir essa Luz, a lembrar que a Igreja jamais pode brilhar de luz própria. Quando a Igreja pretende brilhar de luz própria mundaniza-se, perde sua referência e se torna autorreferencial. Com efeito, a Constituição Dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II começa exatamente assim: “sendo Cristo a luz das nações ...” (LG 1).

Seja como for, os discípulos de Jesus são chamados a brilhar, *“para que as pessoas, vendo suas boas obras, glorifiquem o Pai que está nos céus”* (Mt 5,16). Esse brilho vem da conduta: o discipulado nada mais é do que uma proposta de vida de quem não diz “Senhor, Senhor!”, mas de quem pratica a vontade do Pai (Mt 7,21). O discípulo de Jesus é fundamentalmente um *praticante da Palavra*. É nessa Palavra que a iniciação cristã busca forjar uma identidade peculiar com base em “um aprendizado gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo” (Dap 291). Portanto, “é necessário abrir o coração para fazer da Palavra alimento que, entrando pela mente, toque o coração, nutra o espírito, transforme a vida e seja critério da experiência comunitária e da ação missionária” (*Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*, n. 148).

Para que o discípulo realmente brilhe com a luz de Cristo, ele deve responder a si mesmo:

“Se e como nos deixamos interpelar pelo Evangelho? Se este é verdadeiramente o vade-mécum para a vida de cada dia e para as opções que somos chamados a fazer? Não basta lê-lo, nem basta meditá-lo; Jesus pede-nos para pô-lo em prática, para viver as suas palavras” (FRANCISCO, *Às pessoas*

consagradas. Por ocasião do Ano da Vida Consagrada, 2014, n. 2).

“Quando a Palavra de Deus entra na vida das pessoas, iniciam-se processos de conversão pessoal, comunitária e pastoral, que as levam, conseqüentemente, a serem testemunhas corajosas que anunciam o que o Senhor realizou em suas vidas (cf. Mc 5,19). Como é próprio do encontro com Jesus Cristo vivo transformar-se num chamado à missão, a própria vida transformada se converte em mensagem” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja, 2012, n. 60).*

Cinco etapas

Esse aprendizado avança cinco degraus acima na montanha das bem-aventuranças, produzindo uma cadência pelo refrão: *“ouviram o que foi dito aos antepassados... mas eu digo a vocês”*:

1. “Não matarás”, mas também humilhar e ofender o irmão é o mesmo que matar (Mt 5,21-26): os discípulos são chamados a viver uma **fraternidade** radical com todos os homens, na medida em que somos todos filhos e filhas do mesmo Pai, irmãos e irmãs íntimos e consanguíneos da mesma família. Essa é a visão de mundo de acordo com o Evangelho.
2. “Não cometerás adultério”, mas também não olharás para o outro com olhar de assédio (Mt 5,27-32; 6,22-23): desenvolver uma **capacidade de relacionamento humano** que garanta o mais absoluto respeito pelo outro, no domínio dos próprios impulsos, na responsabilidade pela fidelidade e no zelo pela dignidade alheia.
3. “Não perjurarás...”: não jure nada (Mt 5,33-

- 37). Comprometa-se a dizer somente a **verdade** e nada mais, com uma comunicação aberta, honesta e sincera, sem dissimulações ou intrigas, a fim de construir relacionamentos de confiança, pois se houver necessidade de “jurar”, isso indica desconfiança.
4. “Olho por olho...”: não responder ao mal de forma alguma (Mt 5,38-42). O discípulo é chamado a passar de relações de reciprocidade (“olho por olho, dente por dente”) para relações de **gratuidade** que não sejam violentas, não retaliatórias, não interesseiras. Esse é um dos requisitos mais característicos do discipulado missionário.
 5. “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”; eu, porém, vos digo: “Amai os vossos inimigos” (Mt 5:43-48). Viver **a universalidade** no amor sem ódio, sem preconceitos e sem limites leva o discípulo a ser como o Pai: *“Pois se vocês amam somente aqueles que os amam.... O que você faz de extraordinário? Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito”* (Mt 5, 46-48).

Enviado para fazer discípulos das nações

Com esse último passo, estamos no cume da montanha da Galileia, de onde o Ressuscitado envia seus discípulos ao encontro de todos os povos (Mt 28,16). A vivência desses cinco preceitos fundamentais – fraternidade, humanidade, verdade, gratuidade, universalidade – configura o discípulo de Jesus, além de projetar o caminho da vida plena para todos os povos: o mandamento de “fazer discípulos de todas as nações” é, de fato, um convite a cada pessoa para empreender a escalada da montanha das bem-aventuranças junto à Igreja.

É um caminho no Espírito que molda, eleva e abre relacionamentos baseados na misericórdia, na ternura e no perdão; é uma ascese que torna a vida profundamente e plenamente humana, a essência do Reino de Deus; é também um limiar em que está em jogo a salvação ou a condenação do mundo, a plenitude ou o fracasso da existência de indivíduos e sociedades (Mt 25.31-46). *“Jesus Cristo é a plenitude que eleva a condição humana à condição divina para sua glória”* (DAP 355), e ele também *“deseja que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”* (1Tm 2,4).

III. CONCLUSÃO

Sair nunca foi fácil

Esse é o projeto de vida para o qual os discípulos de Jesus foram enviados ao mundo. No entanto, demorou um pouco para que eles entendessem e saíssem de sua zona de conforto. Como já dissemos, o discipulado missionário é um processo de aprendizado. Para a primeira comunidade não foi diferente: sua jornada de Jerusalém até os confins da terra foi hesitante, dramática e, ao mesmo tempo, fascinante. Eles tiveram que aprender a enfrentar muitos desafios, pois não estavam preparados para a tarefa.

Em primeiro lugar, eles ainda não haviam entendido a proposta de Jesus quando o Senhor, em uma de suas aparições após a Páscoa, falou-lhes sobre o Reino de Deus por quarenta dias (At 1,3). Naquela ocasião, eles lhe perguntaram: “É agora o tempo em que restaurarás o reino de Israel?” (At 1,6). Em seu entendimento, o objetivo da missão era a restauração política do Reino de Israel, um povo reconstituído e renovado em sua totalidade, onde não havia lugar para os não-judeus. O livro dos Atos dos Apóstolos mostra como eles tiveram que abandonar essa perspectiva quando

o Espírito os empurrou para fora de Jerusalém em direção aos samaritanos, aos tementes a Deus e, finalmente, aos pagãos.

Na casa de Cornélio, um centurião romano pagão, piedoso e temeroso, que foi agraciado por uma visão do Anjo do Senhor (At 10,2-3), Pedro finalmente teve de admitir que “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10,34). Mas a maior surpresa veio quando o Espírito desceu repentinamente sobre o anfitrião e toda a sua família, deixando os judeus que acompanhavam Pedro atônitos, porque os pagãos eram tão merecedores da graça de Deus quanto os judeus: *“Podemos negar a água do batismo a essas pessoas que receberam o Espírito Santo, assim como nós o recebemos?”*

Mudança de mentalidade

Esse é o momento da grande virada: perceber que os “outros” – os pobres considerados “pecadores”, os samaritanos considerados “impuros”, os tementes a Deus considerados “deficientes”, os pagãos considerados “idólatras” – também poderiam ser incluídos nas promessas de Deus ao seu povo, sem se converterem ao judaísmo. Para nós, hoje, isso parece bastante natural. Mas para os judeus do primeiro século – e os apóstolos eram todos judeus observantes – isso envolvia uma mudança radical de mentalidade, que consistia em renunciar às dimensões mais sagradas de sua própria tradição.

Uma missão para as nações não foi empreendida por Jesus em Seu ministério antes de Sua paixão. Ele não deu nenhuma indicação de como realizar essa missão ad gentes. Certamente, porém, ele formou seus discípulos em uma consciência missionária baseada no anúncio do Reino de Deus e na compaixão por todos os pobres (Lc 4,26; 6,20), os pecadores (Jo 8,11), os doentes (Mt 11,5), as prostitutas (Lc 7,37), os excluídos (Mc 1,41), os

inimigos (Mt 5,44), os pagãos (Mt 8,10; 15,21-28). No entanto, a hesitação da comunidade apostólica em se dirigir às nações manifestava o fato de que ela não estava suficientemente preparada para essa tarefa.

Missão como ação do Espírito

O evangelista Lucas atribui esse desenvolvimento missionário à ação do Espírito. Foi o Espírito que literalmente empurrou a comunidade para fora: não foi uma iniciativa espontânea, nem nasceu de um plano de expansão ou proselitismo, mas surgiu de uma atitude de escuta, docilidade e percepção da irrupção de Deus no meio dos outros, o que gerou abertura, reconhecimento e aceitação por parte dos discípulos de Jesus.

A Igreja nasce historicamente aqui como algo diferente de qualquer movimento judaico da época. A Igreja nasce historicamente como algo novo e original quando acolhe os outros e realiza e assume a missão de proclamar o Evangelho fora de seu ambiente sociocultural. De fato, depois que alguns discípulos proclamaram o Evangelho não apenas aos judeus, mas também aos gregos, “a mão do Senhor estava com eles, de modo que um grande número acreditou e se converteu ao Senhor” (At 11,20-21). A partir dessa ousadia, formou-se em Antioquia uma comunidade transcultural entre judeus e gregos. Foi lá que os discípulos foram chamados de “cristãos” pela primeira vez (At 11,26).

O Evangelho de Mateus foi escrito após todos esses eventos terem ocorrido. Seu objetivo era convidar uma comunidade que ainda resistia à ação do Espírito a se abrir e sair em missão para todas as nações: pois essa é a marca característica da Igreja, intercultural, aberta a todos, sem excluir ninguém.

FOLHA 5: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS: INICIADOS E ENVIADOS

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** Jesus disse aos seus discípulos: *“Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”*. Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos ...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA QUINTA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Redescobrir o chamado de cada pessoa batizada para um encontro pessoal com Jesus, para ser um discípulo, desafiado, iniciado e enviado por Jesus para ser uma testemunha das Boas Novas em seu contexto específico.

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso

Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
que revelaste a “Boa Nova” em teu Filho,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e ações;
**AJUDA-NOS A REDESCOBRIR NOSSA
VOCAÇÃO DE BATIZADOS
PARA DAR UM NOVO IMPULSO À NOSSA
AÇÃO MISSIONÁRIA**
proclamando, como eles, a alegria do
Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar
a face da Terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dê-nos força para caminhar, como povo de
Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
**PARA OFERECER CRISTO A TODA A
HUMANIDADE**
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
que sejamos sempre teus discípulos
missionários
até os confins da terra.

Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

Isso aconteceu com os primeiros discípulos no Mar da Galileia: eles eram pescadores que lançavam suas redes ao mar. Jesus passou por eles e disse: “Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de Mt 5,1-16 – Iniciados e enviados: as bem-aventuranças.

Mt 28,19-20 – Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo que vos tenho ordenado.

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

Na base de todo chamado, de toda vocação, há um primeiro estágio do qual não podemos prescindir: o encontro pessoal com Deus na Pessoa de Jesus. É precisamente a partir desse encontro que se desencadeia um processo de conhecimento, formação e um chamado para seguir uma missão específica na vida de cada pessoa batizada.

Ser discípulo de Jesus não é apenas dizer: sim, aqui estou eu; é entrar em um processo de acompanhamento pessoal e comunitário que nos levará a uma mudança interior, a uma conversão e a viver as bem-aventuranças, a liberdade e a aceitação da cruz de maneira determinada. Um processo que não estará livre de perseguição. Não existe seguimento de Jesus sem perseguição. O Senhor instruiu muito seus discípulos sobre as inevitáveis perseguições que os aguardavam (Mt 10,17-24). Ele sabia que a opção pelos pequenos, pobres e oprimidos não seria bem recebida pelos ricos, grandes e poderosos.

O encontro com Jesus

Em que consiste “ser discípulo” de Jesus? Para responder a essa pergunta, é necessário voltar ao Evangelho, especialmente a partir da catequese batismal do Discurso da Montanha (Mt 5-7), onde a proposta de Jesus e sua importância para toda a humanidade é descrita com precisão.

Tudo começa com o encontro com Jesus que fala ao nosso coração (DAP 154), que “nos dá um novo horizonte para a vida e, portanto, uma orientação decisiva” (DAP 243). Essa foi a dinâmica que encontramos já na história dos primeiros discípulos (cf. Jo 1,35-49). Esse encontro se dá concretamente por meio de uma pessoa, um amigo, um catequista, um missionário, por meio de uma comunidade cristã viva que reza, celebra, testemunha, evangeliza (DAP 256), por meio do contato com os pobres, os aflitos, os doentes, os marginalizados (DAP 257), por meio da meditação da Sagrada Escritura, da participação na liturgia, da aproximação dos sacramentos e de mil outras maneiras que o Espírito nos dá, cativando-nos a prestar atenção. Para parar nosso olhar, para nos encantar com algo profundo e avassalador que pode transformar nossa vida.

Seguir Jesus é um processo e ocorre em uma missão.

Isso aconteceu com os primeiros discípulos no Mar da Galileia: eles eram pescadores que lançavam suas redes ao mar. Jesus passou por eles e disse: “Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens”. Imediatamente eles deixaram as redes, o barco e o pai e o seguiram (Mt 4,19-22). A história continua: “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do reino e curando todas as doenças e enfermidades do povo” (Mt 4,23) e os discípulos o

seguiram. Não há seminário, nem noviciado, nem casa de formação. A missão de Jesus é a própria escola do discipulado. É por isso que falamos de discípulos missionários, porque os seguidores de Jesus aprendem “na missão”, acompanhando e colaborando com Jesus em sua missão de anunciar o Reino de Deus.

Aprendendo a ser livre e pobre

Às vezes, porém, o encontro com Jesus não produz muito. Foi o que aconteceu com o jovem rico (Mc 10,17-22). Foi um encontro intenso e profundo, em que Jesus olhou para o jovem com amor (Mc 10,21) e lhe deu uma missão: “Vá, venda tudo o que você tem, dê aos pobres e depois venha e siga-me”. Observe bem: o “vai” precede o “vem”, o seguimento vem depois da missão.

Nosso jovem, porém, foi embora triste, porque tinha muitos bens que o prendiam e o impediam de ser livre e disponível. Ele se fechou em si mesmo e não se abriu para o risco de seguir Jesus. Para que isso aconteça, o primeiro requisito é aprender a ser pobre: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,3), diz a primeira bem-aventurança. Bem-aventurado é aquele que voluntariamente se faz pobre para enriquecer os outros, poderíamos dizer em outras palavras. É essa pobreza básica que torna o discípulo disponível para o Reino com plena confiança e coragem. O discípulo é, portanto, uma pessoa livre, fiel e generosa em seu serviço à comunidade e aos necessitados. Jesus não condena as riquezas em si: ele condena os ricos que acumulam riquezas apenas para si mesmos (Mt 19,24; 6,19), assim como condena a idolatria do dinheiro (Mt 6,24). Agora, se você tem, tem para partilhar, tem para oferecer um serviço, tem para dar sua vida e seus bens.



VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. O que significa para eu deixar-me encontrar e ser iniciado por Jesus para viver sua missão?



2. À luz do evangelho e de nossa experiência pessoal e comunitária, como formamos novos discípulos?



3. O que o Papa Francisco está nos convidando especificamente a fazer quando fala de uma Igreja “em saída” e de “periferias”?



VIII. ORAÇÃO MARIANA

A Visitação de Maria à sua prima Santa Isabel (2º Mistério Gozoso)

Maria, sentindo-se desafiada por Deus, deixa-se transformar totalmente pela obra do Espírito e assume sua vocação de Mãe do Salvador. Algo tão grandioso que ela não guardou só para si, mas com alegria, embora com sacrifício e dificuldade, foi ao encontro do outro, ao encontro de sua prima Isabel, tornando-se assim a primeira missionária que não só carregou o Filho de Deus em seu ventre, mas que também foi ao encontro do outro.

Salmo do sim de Maria

Maria, Mãe do Sim,
Admiro seu exemplo.

Eu o admiro porque você arriscou sua vida;
me admira porque você não cuidou de seus interesses
mas as do resto do mundo;
Eu o admiro e você me dá um exemplo de dedicação a Deus.

Gostaria, mãe, de seguir teu exemplo,
de se render à vontade de Deus como você.
Eu gostaria, mãe, de seguir teus passos,
e, por meio deles, me aproximar de seu Filho.
Gostaria, mãe, de ter tua generosidade e devoção
para nunca dizer "não" a Deus.
Eu gostaria, mãe, de ter teu amor
para ser sempre fiel a seu Filho.

Mãe do Sim,
peça a teu Filho por mim, para me dar coragem.
Ore ao teu Filho por mim, para que ele me conceda
um coração apaixonado por ele.
Ore ao teu Filho por mim, para que ele possa me dar
a graça de me doar e nunca falhar com ele.



TEMA 6

DA AMÉRICA PARA O MUNDO E DO MUNDO PARA A AMÉRICA

I. INTRODUÇÃO

Nesse tema, gostaríamos de propor alguns conteúdos que nos permitam aprofundar nossa compreensão da **dimensão universal da Igreja missionária em termos de cooperação**.

Nesta experiência do CAM6, desejamos **dar um novo impulso à missão ad gentes da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra**.

A missão corresponde à identidade mais profunda da Igreja, na medida em que ela é chamada a participar da vida divina de um Deus que é missão. De fato, Deus é assim: ele sai de si mesmo, seu amor não é contido, seu amor transborda, ele vai ao encontro de todos para que todos possam viver a vida em plenitude. A Igreja coopera com a missão de Deus: *“Em todas as formas de evangelização, a primazia pertence sempre a Deus, que quis chamar-nos a colaborar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito”* (EG 12).

II. DESENVOLVIMENTO

Até os confins do mundo

A partir desse chamado, como estas palavras dos Atos dos Apóstolos ressoam em nós hoje: *“Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra”* (At 1,8)? O mundo globalizado contemporâneo parece ter apagado todas as fronteiras ao nos interconectar por meio de mercados, comunicações e tecnologias: onde estão os confins da terra no mundo de hoje? Retornamos a algumas das questões abordadas no tema “Evangelizadores no Espírito até os confins da terra”.

As periferias

O Papa Francisco nos aponta uma pista quando fala das “periferias existenciais”: os lugares de luta pela vida, exclusão, marginalização, precariedade, transgressão, informalidade, violência, como a Galileia onde Jesus viveu, e onde hoje vivem as vítimas e sobreviventes de *“um sistema social e econômico injusto em sua raiz”* (EG 59).

A missão, ontem como hoje, precisa se *situar profeticamente* nesses contextos. Falar de missão é também, e essencialmente, falar de *territórios*, de contextos, de lugares à margem de um sistema, onde a Igreja experimenta uma mudança fundamental em sua percepção do mundo e um compromisso evangélico com um projeto para um mundo global mais justo e solidário.

Fronteiras

Além das periferias estão as fronteiras. As fronteiras não são margens, mas limites entre um território e outro, limiares entre duas identidades, dois povos, duas culturas. Embora vivamos em um mundo sem fronteiras, para os pobres essas fronteiras representam barreiras intransponíveis.

As fronteiras são reais e cruéis para milhões de migrantes e refugiados, mas também são simbólicas e imaginárias para milhões de outras pessoas excluídas: cercas (in)visíveis são erguidas para separar classes sociais, segmentos ideológicos, grupos de interesse, culturas, raças, gêneros, gerações e todos os tipos de fragmentação e diferença.

Mas também é verdade que essas cercas verticais, uma vez derrubadas, podem se tornar pontes: as fronteiras se tornam, assim, um local de comunicação e reciprocidade, uma passagem para ir e vir e construir novos vínculos e novas relações.

Os confins

Os confins vão além das periferias e das fronteiras: eles não estão dentro de perímetros, não estão em linhas divisórias, mas além dos horizontes que conhecemos. Os confins nos impelem a entrar como peregrinos nas casas dos outros.

Para os discípulos missionários, *“nada do que é humano pode lhes parecer estranho”* (DAp 380). Esse impulso nos impulsiona a sair de nossos mundos, não por um desejo de conquista, não por um capricho aventureiro, mas pelo mais simples espírito de serviço à vida.

O Espírito de Cristo faz nascer um *“coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de origem, nacionalidade, cor ou religião”* (FT 3), capaz de abandonar *“todo desejo de dominar os outros”* (FT 4) e de sonhar juntos *“como uma só humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos abriga a todos, cada um com a riqueza de sua fé ou de suas convicções, cada um com sua própria voz, mas fratelli tutti”* (FT 8).

A missão hoje

Nossa tradição eclesial nos oferece elementos muito ricos que nos ajudam a enfrentar uma missão até os confins da terra em termos proféticos de inserção, anúncio, testemunho, opção pelos pobres, libertação, inculturação, diálogo, participação e serviço ao Reino da Vida. O “como” vamos até os confins, até as fronteiras, até as periferias, diz respeito à qualidade evangélica de nossa missão, sua coerência em termos de capacidades e competências e as motivações mais profundas de nossa fé.

Ad Gentes: ir aos povos

Antes de tudo, é preciso sair e ir: partir sem demora e sem hesitação (Mt 4,21-23)! Não há encontro com os pobres e com os outros se não houver aproximação, se a Igreja missionária não correr o risco de *“tomar a iniciativa sem medo, de ir ao encontro deles”* (EG 24). Esse “ir ao encontro dos outros” (EG 46), esse *“ad gentes”, “não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos”* (EG 48), é crucial para que o Reino se realize na transformação de uma sociedade mais humana.

A missão é esta: não podemos esperar que as pessoas venham até nós, somos nós que temos que ir ao encontro delas e anunciar a Boa Nova onde elas estiverem. Esse princípio parece quase óbvio. No entanto, na prática, a Igreja sempre foi tentada a esperar que as pessoas viessem até ela, enviando seus delegados para chamar essas pessoas, sem se engajar em um movimento de

sair e se inserir nas situações que ela queria evangelizar.

Inter gentes: encontro entre os povos

Após a aproximação, o segundo desafio é fazer com que o encontro aconteça: esse encontro é sempre uma grande experiência de aprendizado. A missão como aprendizagem nasce da convicção de que o anúncio do Evangelho é feito em reciprocidade com nossos interlocutores, porque a graça de Deus está agindo neles também. Não sabemos tudo sobre o mistério de Deus, e a mensagem de Jesus está sempre aquém de nossa compreensão. O papel de cada parceiro no contexto do diálogo missionário envolve a circularidade da comunicação, do acolhimento, do discernimento, do testemunho e do louvor, em que todos os envolvidos aprendem e são evangelizados a partir das experiências de vida uns dos outros.

Nossas igrejas precisam ir até as fronteiras de seu conhecimento, de sua compreensão, de suas certezas, de seu modo de ser e buscar novas maneiras de evangelizar a si mesmas e aos outros: *“Toda vez que encontramos um ser humano em amor, somos capacitados a descobrir algo novo sobre Deus”* (EG 272).

O documento “Diálogo e anúncio” do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e da Congregação para a Evangelização dos Povos (1991) afirma o seguinte:

“A plenitude da verdade recebida em Jesus Cristo não dá a cada cristão a certeza de ter assimilado totalmente essa verdade. Em última análise, a verdade não é algo que possuímos, mas uma pessoa por quem devemos ser possuídos. É, portanto, um processo sem fim. Mantendo sua identidade intacta, os cristãos devem estar dispostos a aprender e receber de outras pessoas e por meio delas os valores positivos de suas tradições” (DA 49).

Cum gentibus: habitar junto aos povos

Após a aproximação e o encontro, a missão nos chama a habitar os confins. Habitar significa mais do que ficar: significa tecer laços de pertença, *sentipensar* a partir do chão do outro, *corazonar* com a realidade do outro, viver intensamente a vida cotidiana do outro, prestar algum tipo de serviço ao outro. Em outras palavras, deixar que os confins habitem em nós.

Habitar também significa mergulhar, tocar com as mãos o desencanto, as divisões, os conflitos e as lacerações produzidos pela diáspora fronteiriça, enraizados na história, no corpo e na vida cotidiana de mulheres violentadas, migrantes despossuídos, trabalhadores explorados, idosos abandonados, jovens desesperados, famílias desabrigadas, milhões de pessoas prejudicadas por gênero, raça, etnia e classe social que vivem na carne a violência colonial.

Por essa razão, os confins, assim como as fronteiras e as periferias, não são um lugar fácil de se viver, pois nesses extremos os enviados de Jesus são penitencialmente chamados a descalçar-se e desaparecer, vivendo e aprendendo a se tornar próximos a condições de esquecimento, injustiça e desumanidade.

Omnes gentes et omnes creaturae: todos os povos e todas as criaturas

Uma missão até os confins da terra não pode ser adequadamente promovida sem uma conexão com uma mística universal, que desperte compaixão pela humanidade como um todo, por todos os povos e todos os seres vivos:

“O mundo, criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações. (...) Isto convida-nos não só a admirar os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas, mas leva-nos também a descobrir uma chave da nossa própria realização. Na verdade, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. Assim assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação. Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS 240).

Não se trata de promover um falso universalismo abstrato, como pretexto para homogeneizar, nivelar e dominar (cf. FT 100). O fundamento dessa mística universal é simplesmente o humano e o cósmico: *“dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância”* (FT 106), e alimentar *“a consciência de que toda criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem a nos transmitir”* (LS 221).

Toda missão encarnada em uma realidade deve estar conectada pluriversalmente com as causas maiores: o cuidado com a Mãe Terra, a solidariedade com outros povos e a integração com as mais diversas dimensões da vida. Nesse sentido, a missão busca sempre uma inserção no local em comunhão com o global (cf. FT 142), e uma interconexão entre as dimensões: pessoal, relacional, social e cósmica (cf. LS 91, 117, 138, 240).

Cooperação missionária

A missão é uma identidade e uma ação eminentemente eclesial, nunca individual ou voluntária. É sempre um envio comunitário e uma participação-comunhão-articulação entre diferentes pessoas, entidades e organizações.

Hoje, a missão a todos os povos se apresenta basicamente como “cooperação missionária”: uma missão de saída pluriversal, sinodal e intereclesial.

Cooperação com a missão de Deus

Deus é o primeiro missionário: quem renasce nele torna-se missionário. Toda pessoa batizada, portanto, é chamada a entrar nessa *“corrente de atividade sobrenatural”* (CM 2): a missão insere todo o nosso ser no mistério divino e o mistério divino, vivido profundamente, nos torna verdadeiramente missionários.

Isso significa que o conceito de *“missio Dei”* quer revelar um Deus trinitário que é realmente ativo e efetivamente presente na história humana. A Igreja não continua a missão do Pai, do Filho e do Espírito Santo: a Igreja coopera com a missão de Deus (cf. EG 12).

São Paulo afirma que *“somos colaboradores de Deus”* (1Cor 3,9), enquanto o último versículo do Evangelho de Marcos diz: *“Eles partiram e pregaram por toda parte, e o Senhor cooperava confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam”* (Mc 16,20). Há uma cooperação recíproca entre Deus e nós, porque também Deus – dizia Paulo VI – precisa de missionários, já que evangelizar é essencialmente um contato humano (cf. Audiência Geral de 6 de agosto de 1969).

Cooperação entre igrejas locais

A maior novidade do Vaticano II foi o resgate da Igreja local em sua essência fundamental e em seu protagonismo apostólico. Nela está *“toda a Igreja”*, mesmo que não seja a Igreja toda. A Igreja só existe concretamente a partir das Igrejas locais (LG 23).

A assim-chamada Igreja universal não é uma Igreja acima das outras, nem uma soma de Igrejas locais, muito menos a totalidade da Igreja, mas uma *comunhão* de Igrejas, unidas pelo espírito de catolicidade e, portanto, de cooperação entre si (cf. LG 13c)

O Concílio também coloca as Igrejas locais como protagonistas da missão, porque, de fato, a missão ad gentes, embora definida em sua atividade característica de primeiro anúncio, é sempre a tarefa primária de cada Igreja, tanto em seu contexto sociocultural (AG 20a) quanto fora dele, cooperando com outras Igrejas (cf. AG 20h; LG 23). Isso define uma Igreja em um estado permanente de missão dentro e fora de seu território.

Cooperação entre interlocutores

No passado, as *“missões estrangeiras”* eram ações planejadas pela Igreja universal a partir do exterior. Elas consistiam no envio de missionários *“profissionais”* da Europa para terras pagãs, com a tarefa de fundar igrejas com rosto e cultura europeus.

Nesse sentido, a missão ad gentes foi, de fato, o braço espiritual do colonialismo. O Papa Francisco insiste com frequência na superação da prática missionária colonial. A missão não deve se tornar cúmplice do roubo da alma das pessoas (cf. FT 14). Além disso, a missão deve estabelecer um diálogo com os *“interlocutores”* e não com os *“destinatários”* do Evangelho.

As diretrizes para uma autêntica missão cristã são as seguintes: ser hóspedes peregrinos nas casas dos outros, aprender com nossos interlocutores, ouvir, pedir permissão e reconhecê-los como protagonistas de sua caminhada de fé.

Cooperação sinodal

O tema da sinodalidade – caminhar juntos – está intimamente ligado ao do espírito missionário. É fundamental entender a missão como a base da proposta cristã, onde o essencial não é uma vida compartilhada entre nós, mas uma missão assumida em comum.

“Caminhar juntos” é importante porque o mundo contemporâneo exige de nós um testemunho de comunhão, fraternidade e diálogo, e também precisamos garantir maior eficácia em nossas ações com maior coordenação e sinergia.

Mas não é só por causa disso: a missão é chamada nos tempos atuais, não tanto a se situar no âmbito da atividade e das grandes obras, mas primariamente no âmbito das relações, pois a tarefa fundamental que temos a cumprir é abrir novos caminhos de escuta e proximidade, costurando laços de confiança e de amizade, numa aliança com os diversos projetos de vida dos povos, para que todos tenham vida, e vida em abundância.

A sinodalidade missionária é um convite para caminhar junto com todos os povos.

Cooperação universal

“O mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fecharmos em nós mesmos, devemos nos formar como discípulos missionários sem fronteiras” (DAP 376).

Cada igreja americana há de encontrar seu próprio caminho sem se preocupar muito em se comparar com outras igrejas que são mais estruturadas e têm mais recursos. No entanto, precisamos encontrar esses caminhos, precisamos trabalhar muito para que nossas comunidades cultivem profundamente aquele espírito católico que está convencido de que: *“a graça da renovação não pode crescer nas comunidades a menos que cada uma expanda o campo de sua caridade até os confins da terra e se preocupe tanto com aqueles que vêm de longe quanto com aqueles que são seus próprios membros” (AG 37).*

Cooperação institucional

Certamente, pensar na cooperação intereclesial em nível global, olhando para as necessidades das Igrejas espalhadas pelos cinco continentes, é pensar na necessidade de organismos de coordenação e articulação, como as Pontifícias Obras Missionárias. Esses organismos eclesiais, encarregados de *“dirigir e coordenar em todos os lugares as iniciativas e as atividades de cooperação missionária” (CM 3)*, inseridos no Povo de Deus, são chamados a encorajar as comunidades eclesiais a uma corresponsabilidade com a missão universal da Igreja através da oração, da comunhão de bens e do envio de missionários.

A missão em suas fronteiras mais desafiadoras, onde a comunidade local está exposta a muitas dificuldades, onde precisa socorrer inúmeras situações, onde dispõe de recursos mínimos para sua própria subsistência, constitui sempre um ônus a ser assumido junto à comunidade maior. A Igreja, portanto, que opta por estar juntos com os pobres e os excluídos nas periferias globais e existências, precisa contar com as condições mínimas necessárias para viabilizar sua presença e seus serviços, garantidos pela cooperação missionária institucional.

Cooperação como projeto de vida

Entretanto, a contribuição mais significativa para essa dinâmica eclesial é o envio e o compromisso de missionários e missionárias de uma Igreja para outra. Não há nada mais expressivo do que o testemunho do dom da vida.

Na tradição católica, a vida religiosa consagrada sempre se destacou na história por sua dedicação missionária nas situações mais difíceis, o que exigiu um alto grau de inserção e aculturação.

Hoje, não está excluída a possibilidade de todas as pessoas e todos os estados de vida participarem da missão ad gentes e além das fronteiras, mesmo que por breves períodos, e assim ter a oportunidade de compartilhar a fé e o amor de Deus com outras pessoas de outros povos, participando da caminhada de outras Igrejas.

“Cada um dos batizados, seja qual for a sua função na Igreja e o grau de iluminação de sua fé, é um agente evangelizador, e seria inadequado pensar em um esquema de evangelização realizado por atores qualificados onde o resto dos fiéis são apenas receptivos às suas ações” (EG 120).

III. CONCLUSÃO

Da América para o mundo e do mundo para a América

A Encíclica Redemptoris missio de João Paulo II insiste na cooperação missionária como uma participação intereclesial de todo o Povo de Deus na missão universal da Igreja, um direito e um dever de todos os batizados, promovendo também uma dinâmica circular de reciprocidade, de modo que a missão não seja uma via de mão única entre um benfeitor e um beneficiário:

“Cooperar na missão significa não apenas dar, mas também saber receber. Todas as Igrejas particulares, jovens e antigas, são chamadas a dar e receber da missão universal, e nenhuma deve se fechar em si mesma” (RMi 85).

Essa reciprocidade e troca são elementos típicos da missão entendida como cooperação. Mas isso significa muito mais: a missão só é realizada em um trabalho em mutirão, numa obra em conjunto, eminentemente eclesial e sinodal.

Nossa América precisa de missionários de outros continentes, não apenas porque a missão ad gentes e os confins da terra estão no meio de nós, mas também porque a presença de outros nos enriquece muito.

Nossa América também precisa enviar seus missionários a outros continentes, pois há Igrejas muito mais necessitadas do que a nossa e povos que merecem toda a nossa atenção, nosso carinho e nossa colaboração.

Essa circularidade permite que cada igreja local não se feche sobre si mesma, mas colabore na realização de uma comunhão e sinodalidade universais efetivas, aprendendo a trabalhar em conjunto, dando de si e recebendo das outras:

“Perante a tentação das comunidades de se fecharem em si mesmas - é uma tentação muito frequente, muito frequente de se fecharem em si mesmas - preocupadas com os seus próprios problemas, a tarefa dos organismos missionários é exortar a missão ad gentes, testemunhar profeticamente que a vida da Igreja e das Igrejas é missão, e é missão universal” (FRANCISCO, Discurso do Santo Padre aos participantes da Assembleia Geral das Pontifícias Obras Missionárias. Roma, 17 de maio de 2013).

FOLHA 6: DA AMÉRICA PARA O MUNDO E DO MUNDO PARA A AMÉRICA

I. ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DO CAM6

- **Texto Bíblico:** *Jesus disse aos seus discípulos: "Vocês receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra".* Atos 1:8
- **Tema:** Evangelizadores com o Espírito até os confins da Terra
- **Lema:** América, no poder do Espírito, testemunhas de Cristo
- **Objetivo:** Promover a missão ad gentes da Igreja com novo vigor, caminhando juntos na escuta do Espírito, a fim de sermos testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade de nossos povos até os confins da terra.
- **Hino:** Testemunhas do Cristo Vivo
Vamos cantar o refrão juntos ...
*Veja como se amam, veja como caminham!
América, com a força do Espírito.
América, testemunhas do Cristo Vivo.*

II. OBJETIVO PARA ESTA SEXTA REUNIÃO DE TRABALHO

Objetivo específico: Aprofundar os novos paradigmas da missão: *ad gentes, inter gentes, cum gentibus, omnes gentes et omnes creaturae, reconhecendo que a missão é uma dinâmica circular de reciprocidade.*

III. ORAÇÃO PARA O VI CONGRESSO AMERICANO MISSIONÁRIO

Nós nos unimos à oração que o Papa Francisco nos presenteou para este VI Congresso

Americano Missionário, destacando o que ela implica para nós nesta reunião. Nos trechos destacados, podemos fazer um breve momento de silêncio para aprofundar nossa oração. Durante ou após a oração, você pode compartilhar uma ressonância que tenha tocado seu coração.

Ó Pai misericordioso,
que revelaste a "Boa Nova" em teu Filho,
anunciada nestas terras da América
por tantos missionários, em palavras e ações;
ajuda-nos a redescobrir nossa vocação de
batizados
para dar um novo impulso à nossa ação
missionária
proclamando, como eles, a alegria do
Evangelho.

Ó Deus,
que derramas teu Espírito Santo para renovar
a face da Terra,
ferida pela injustiça e pelo sofrimento;
dê-nos força para caminhar, como povo de
Deus,
em sinodalidade e escuta mútua,
para o próximo Congresso Americano
Missionário,
testemunhando juntos o amor que vence o
mundo.

Ó Deus, e nosso Pai,
que escolheste Maria como modelo de
evangelização
para oferecer Cristo a toda a humanidade
faz que, imitando seu exemplo de entrega
e sustentados por seu cuidado maternal e
providente,
**QUE SEJAMOS SEMPRE TEUS DISCÍPULOS
MISSIONÁRIOS
ATÉ OS CONFINS DA TERRA.**

Amém.

IV. TEXTO ILUMINADOR

“O Espírito Santo descerá sobre vocês e vocês receberão o seu poder, para que sejam minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (1:8).

“Cooperar na missão significa não apenas dar, mas também saber receber. Todas as Igrejas particulares, jovens e antigas, são chamadas a dar e receber da missão universal, e nenhuma deve se fechar em si mesma” (RMI 85).

V. BREVE SÍNTESE DO MARCO TEOLÓGICO

“Em toda forma de evangelização, a primazia pertence sempre a Deus, que quis nos chamar a colaborar com ele e nos impulsionar pela força do Espírito” (EG12). Partindo dessa primazia e do fato de que a missão corresponde à identidade mais profunda da Igreja, na medida em que ela é chamada a participar da vida divina de um Deus que é missão, é importante deixar ressoar as palavras dos Atos dos Apóstolos: “*Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra*” (At 1,8). Em um mundo globalizado contemporâneo, as fronteiras, os limites e as periferias, que ainda existem para certos grupos marginalizados, devem ser reinterpretados. O Papa Francisco, por exemplo, fala de “periferias existenciais”, aqueles lugares de luta pela vida, exclusão, marginalização, precariedade, transgressão, informalidade, violência, como a Galileia, onde Jesus viveu, e onde hoje vivem as vítimas e os sobreviventes de “um sistema social e econômico que é injusto em sua raiz” (EG 59).

A missão, ontem como hoje, precisa se situar profeticamente nesses contextos, não esperando que as pessoas venham até nós, mas indo ao encontro delas. Se pesquisarmos um pouco em nossa tradição eclesial, poderemos encontrar ali elementos muito ricos que nos ajudam a enfrentar esse chamado para ir até os confins da terra em termos proféticos de inserção, anúncio, testemunho, opção pelos pobres, libertação, inculturação, diálogo, participação e serviço ao Reino da Vida.

Vamos nos aprofundar um pouco mais nos elementos que a missão de hoje deve considerar se quiser responder aos desafios de nosso mundo:

Ad gentes: ir aos povos

(Mt 4,21-23) Não pode haver encontro com os pobres e com os outros se não houver aproximação, se a Igreja missionária não correr o risco de “tomar sem medo a iniciativa de ir ao encontro deles” (EG 24).

Inter gentes: encontro entre os povos

Após a aproximação, o desafio é fazer com que o encontro aconteça, pois um encontro é sempre uma grande experiência de aprendizado. A missão como aprendizagem nasce da convicção de que o anúncio do Evangelho é feito na reciprocidade com nossos interlocutores, porque a graça de Deus está agindo neles também. Não sabemos tudo sobre o mistério de Deus e a mensagem de Jesus está sempre aquém de nossa compreensão. “Toda vez que encontramos um ser humano no amor, somos capacitados a descobrir algo novo sobre Deus” (EG 272).

Cum gentibus: habitar junto com os povos

Depois da aproximação e do encontro, a missão nos chama a habitar os confins. Habitar significa mais do que ficar: tecer laços de pertença, *sentipensar* a partir do chão do outro, estar no *corazonar* com a realidade do outro, viver intensamente a vida cotidiana do outro. Em suma, deixar que os confins habitem em nós.

Por essa razão, os confins, assim como as periferias e as fronteiras, não são um lugar fácil de se viver, porque nesses extremos os enviados de Jesus são penitencialmente chamados a descalçar-se e a desaparecer, vivendo e aprendendo a se aproximar de condições de esquecimento, injustiça e desumanidade.

Omnes gentes et omnes creaturae: Todos os povos e todas as criaturas.

Por fim, uma missão até os confins da terra não pode ser adequadamente promovida sem uma conexão com uma mística universal, que desperte compaixão pela humanidade como um todo, por todos os povos e por todos os seres vivos:

“O mundo, criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações. (...) Isto convida-nos não só a admirar os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas, mas leva-nos também a descobrir uma chave da nossa própria realização. Na verdade, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas ...” (LS 240)

Também é importante enfatizar que a missão é uma identidade e uma ação eminentemente eclesial, nunca individual ou voluntária. É sempre um envio comunitário e uma participação-comunhão-articulação entre diferentes pessoas, entidades e organizações, razão pela qual é atualmente apresentada como uma “cooperação missionária”, cooperação com a missão de Deus, entre igrejas locais, entre parceiros, cooperação sinodal, universal e institucional. O Papa Francisco nos diz a esse respeito: *“Diante da tentação das comunidades de se fecharem em si mesmas, uma tentação muito frequente, demasiado frequente, de se fecharem em si mesmas, preocupadas com os próprios problemas, a tarefa das organizações missionárias é exortar à missão ad gentes, testemunhar que a vida da Igreja e das Igrejas é missão, e é uma missão universal”.*





VI. PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

Exortando os discípulos a serem suas testemunhas, o Senhor ressuscitado lhes anuncia para onde são enviados: “para Jerusalém, para toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra”, nos diz o Papa Francisco (cf. At 1,8).

1. *Ad gentes*: Ir para os povos

Estamos cientes da necessidade de missão dentro e fora de nossas comunidades eclesiais?

2. *Inter gentes*: Encontro entre os povos

Será que nos conscientizamos de que a missão hoje não pode ser vista como um processo de “colonialismo”, mas como uma riqueza mútua que nos convida a dar e, ao mesmo tempo, a receber do outro, em um espírito de reciprocidade?

3. *Cum gentibus*: Habitar junto aos povos

Ouvindo as notícias atuais sobre guerras, imigração, injustiça, exploração e pobreza.

Estamos cientes da importância e da necessidade de anunciar as Boas Novas às pessoas e de sermos capazes de “habitar” esses confins e periferias por meio da imersão total?

VIII. ORAÇÃO MARIANA

O nascimento de Jesus (3º Mistério Gozoso)

O nascimento de Jesus não é apenas uma alegria para a família de Nazaré, Maria e José, mas é ao mesmo tempo uma Boa Nova para um povo oprimido, pobre e excluído, que havia sido anunciada séculos atrás pelos profetas.

Oração a Maria, Rainha das Missões

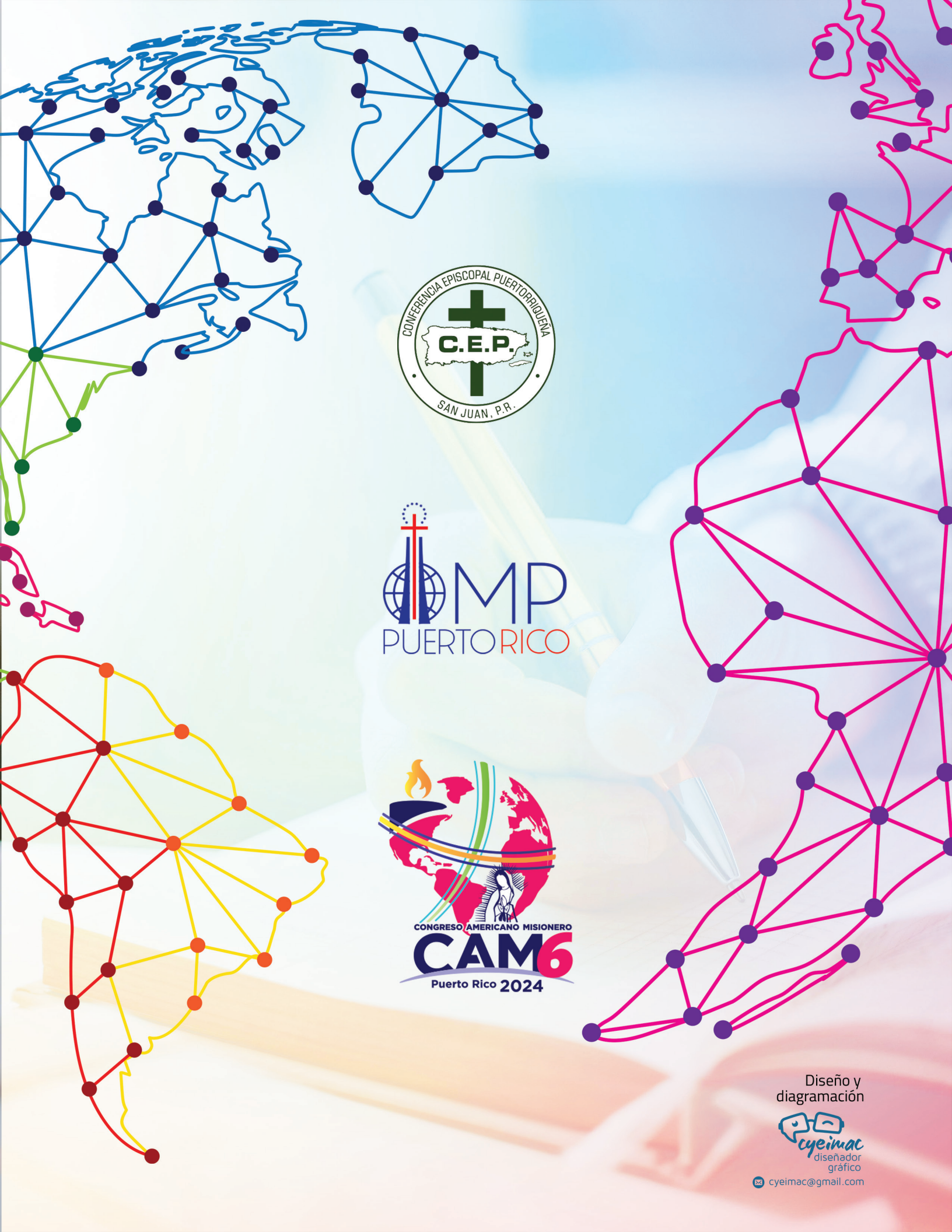
Ó Maria, Rainha das Missões,
ore por nós e por todas as crianças do mundo.

Ajude-nos a conhecer e amar Jesus,
Ajude-nos a segui-lo e a confiar nele sempre.

Ajude-nos a estar atentos às necessidades de nossos irmãos e irmãs.

Maria, Rainha das Missões,
pedimos que seu Filho Jesus Cristo nos guie para sermos verdadeiros missionários,
orando, compartilhando e aprendendo com nossos irmãos e irmãs em todo o mundo.
Amém.





Diseño y diagramación



cyeimac@gmail.com